



Somos todas mulheres iguais!

Estudos antropológicos sobre feiras, gênero e campesinato



Somos todas mulheres iguais!

**Estudos antropológicos
sobre feira, gênero e campesinato**

Organizadores

Daniele Palma Cielo
Fabiane Dalla Nora
Jamile dos Santos P. Costa
Juliana Franchi da Silva
Patrícia Rejane Froelich
Silvana Silva de Oliveira
Maria Rita Py Dutra
Maria Catarina Chitolina Zanini

Revisores

Daniele Palma Cielo
Jamile dos Santos P. Costa
Juliana Franchi da Silva
Maria Rita Py Dutra
Patrícia Rejane Froelich
Silvana Silva de Oliveira
Trícia Cardoso

Comitê Científico (todo o pessoal do projeto)

Daniele Palma Cielo
Fabiane Dalla Nora
Jamile dos Santos P. Costa
Juliana Franchi da Silva
Patrícia Rejane Froelich
Silvana Silva de Oliveira
Maria Rita Py Dutra
Maria Catarina Chitolina Zanini

**Silvana Silva de Oliveira
Maria Rita Py Dutra
Maria Catarina Chitolina Zanini
(Organizadoras)**

Somos todas mulheres iguais!

**Estudos antropológicos
sobre feira, gênero e campesinato**

E-book



2015

© Dos autores – 2015
zanini.ufsm@gmail.com

Editoração: Oikos

Capa: Juliana Nascimento

Revisão: Rui Bender

Arte-final: Jair de Oliveira Carlos

Conselho Editorial:

Antonio Sidekum (Nova Harmonia)
Arthur Blasio Rambo (IHSL)
Avelino da Rosa Oliveira (UFPEL)
Danilo Streck (UNISINOS)
Elcio Cecchetti (UFSC e UNOCHAPECÓ)
Ivoni R. Reimer (PUC Goiás)
Luis H. Dreher (UFJF)
Marluza Harres (UNISINOS)
Martin N. Dreher (IHSL – MHVSL)
Oneide Bobsin (Faculdades EST)
Raul Fornet-Betancourt (Uni-Bremen e Uni-Aachen/Alemanha)
Rosileny A. dos Santos Schwantes (UNINOVE)

Editora Oikos Ltda.
Rua Paraná, 240 – B. Scharlau
Cx. Postal 1081
93121-970 São Leopoldo/RS
Tel.: (51) 3568.2848
contato@oikoseditora.com.br
www.oikoseditora.com.br

S697 Somos todas mulheres iguais! Estudos antropológicos sobre feira, gênero e campesinato / Organizadoras Silvana Silva de Oliveira, Maria Rita Py Dutra e Maria Catarina Chitolina Zanini. – São Leopoldo: Oikos, 2015.
118 p.; 16 x 23cm. (E-book)
ISBN 978-85-7843-512-7
1. Feira livre. 2. Feirante. 3. Mulher – Feirante. 4. Campesinato. I. Oliveira, Silvana Silva de. II. Dutra, Maria Rita Py. III. Zanini, Maria Catarina Chitolina.

CDU 339.177

Catálogo na publicação:
Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil – CRB 10/1184

Sumário

Apresentação	7
Jardinando a Comunidade: sobre feira e produtos orgânicos em Massachusetts, nos Estados Unidos	9
<i>Cláudia Samuel Kessler</i>	
Um trabalho etnográfico entre mulheres camponesas e a reprodução social no meio rural	26
<i>Fernanda Simonetti</i>	
Etnografando feiras livres em praças de Santa Maria-RS: as feiras ecológicas da Praça Saturnino de Brito e da Praça Saldanha Marinho	41
<i>Fabiane Dalla Nora</i>	
<i>Maria Rita Py Dutra</i>	
É dia de feira	55
<i>Juliana Franchi da Silva</i>	
<i>Rúbia Machado de Oliveira</i>	
A feira urbana de economia solidária de Santa Maria, RS, nos relatos de alguns participantes à revista de 20 anos do Feirão Colonial	66
<i>Silvana Silva de Oliveira</i>	
<i>Maria Catarina C. Zanini</i>	
O campesinato em questão: etnografando uma feira urbana de alimentos	76
<i>Patrícia Rejane Froelich</i>	
Entre imagens: dinâmicas entre o rural e urbano no “Feirão Colonial” e na “Feirinha do Caridade” em Santa Maria-RS	88
<i>Jamile dos Santos P. Costa</i>	
<i>Silvana Silva de Oliveira</i>	
O Feirão Colonial como importante alternativa a pequenos produtores rurais da Região Central do estado do Rio Grande do Sul	108
<i>Daniele Palma Cielo</i>	
<i>Maria Catarina C. Zanini</i>	

Apresentação

Este livro é fruto, em grande parte, do projeto de pesquisa denominado *Na feira: produção, distribuição e consumo entre agricultoras feirantes na região central do Rio Grande do Sul*, coordenado por Maria Catarina Chitolina Zanini (com financiamento Capes/CNpq), iniciado no ano de 2012. Em verdade, a pesquisa etnográfica começara bem antes por meio de outro projeto que privilegiava conhecer o universo das mulheres feirantes, suas especificidades e seu mundo do trabalho, denominado *Mulheres camponesas: produtoras, distribuidoras e consumidoras*.

Trata-se de uma coletânea organizada pelos próprios bolsistas e pesquisadores do projeto para tornar público os resultados de seu trabalho e dos anos em que conviveram com os feirantes de Santa Maria no Rio Grande do Sul. Foi um aprendizado de pesquisa que resultou em trabalhos de conclusão de graduação, dissertação de mestrado, capítulo de livros e artigos diversos, bem como de um extenso material imagético (fotografias e filmagens). Exercício extremamente gratificante para mim, enquanto coordenadora do projeto e também como professora, ao acompanhar o crescimento intelectual e pessoal dos alunos envolvidos na pesquisa.

Foram anos de convívio com os feirantes. Algumas feiras nós acompanhávamos duas vezes por semana, outras uma. Enfim, foi um aprendizado muito intenso sobre a vida daqueles homens e mulheres trabalhadores da terra e das feiras. Sim, aprendemos muito sobre como aqueles camponeses transitam por entre esses mundos e se tornam decodificadoras de redes de aprendizados: sobre dinheiro, sobre o valor do trabalho, sobre comércio, sobre lucro, sobre si mesmos também, enquanto seres sociais. E tudo isso possibilitado pelo universo das feiras.

A sociabilidade ali possibilitada foi fruto de muita reflexão nos encontros semanais do grupo de pesquisa. Muitas narrativas conhecidas, muita observação e também o conhecimento sobre o poder dos elementos que na

feira circulavam: comida, símbolos, memórias e muitas coisas mais. Não era somente comércio que ali se fazia. Muitas trocas se fazem nas feiras, muita memória compartilhada, muita humanidade em circulação.

Desejo uma boa leitura a todos e que, por meio destes artigos, vocês também possam compartilhar a riqueza humana dessas pessoas e de seus saberes.

Maria Catarina Chitolina Zanini
UFSM

Jardinando a Comunidade: sobre feira e produtos orgânicos em Massachusetts, nos Estados Unidos

Cláudia Samuel Kessler¹

Quando fui aos Estados Unidos passar uma temporada de 10 meses para a realização de meu trabalho de campo sobre o futebol de mulheres, não sabia quase nada sobre a região onde iria morar. Exceto por algumas pesquisas prévias sobre a cidade de Amherst, no estado de Massachusetts, a nova cidade era ainda um lugar a ser explorado e descoberto. Um território desconhecido para mim.

Minha pesquisa nos Estados Unidos não se referia a alimentação, a agricultura e nem a feiras. Esses temas surgiram por coincidência durante minha passagem por terras norte-americanas. Sem ter onde morar nos primeiros dez dias em que cheguei, fui acolhida com muito carinho pela família de meu orientador norte-americano, Todd Crosset. Irreverente e muito diferente do esteriótipo americano, Crosset é um ciclista magro e alto. Pai afetuoso e casado com Anne Richmond, uma mulher muito preocupada com a alimentação familiar, Crosset aderiu a uma dieta bem diferente dos convencionais *fast foods*.

Anne coordena desde 2010 um projeto que integra a juventude com a agricultura urbana. Nele, crianças da população pobre dos bairros *Mason Square* e *Six Corners*, na cidade de Springfield, auxiliam na plantação e venda de produtos orgânicos a preços mais baixos para os residentes da cidade. Utilizando lotes abandonados, desde 2002 o projeto tem transformado es-

¹ Bacharel e Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista CAPES.

ses espaços em jardins com frutas, vegetais e flores. Além de fornecer alimentação de qualidade e saudável, o projeto é responsável por incluir os jovens em sua comunidade, fortalecendo o sentido de preservação da natureza.

Springfield é a terceira maior cidade do estado de Massachusetts, com 155 mil habitantes, localizada a 145 km de Boston (capital do estado). A região de Hartford-Springfield é conhecida como “corredor do conhecimento”, pois num raio de 24 quilômetros há a segunda maior concentração de universidades nos Estados Unidos. Minha pesquisa foi realizada em uma das universidades dos *Five Colleges*², na Universidade de Massachusetts, em Amherst, entre agosto de 2013 e maio de 2014.

Na época em que cheguei a Springfield, em 2013, a taxa de desemprego era bastante alta: cerca de 10%. Um pouco maior do que a média nacional e estadual naquele ano³. Em *Mason Square* e vizinhanças, cerca de 50% dos residentes estavam abaixo do nível de pobreza (CITY-DATA.COM, 2014). Grande parte deles eram negros e hispânicos, com faixa de idade entre 25 e 44 anos. Em 2010, a população negra em Springfield era de 22% e a de hispânicos quase 39%. A maioria estudou apenas até o Ensino Médio: 23% fizeram só o equivalente ao Ensino Fundamental e 32% concluíram o Ensino Médio (USA.COM, 2010).

No *Gardening the community*, cuja tradução seria “Jardinando a Comunidade”, com uma pequena contribuição os membros da comunidade têm participação no projeto e acesso a uma “cota” semanal de produtos. Para fazer parte, inicialmente é necessário realizar um adiantamento de 25 dólares, exceto para quem opta em pagar antecipadamente toda a temporada. Os 25 dólares são devolvidos no final da temporada, caso não sejam utilizados para quitar pagamentos esquecidos durante as semanas.

² *Five Colleges* é um consórcio educacional sem fins lucrativos, que desde 1965 une cinco instituições, sendo quatro delas privadas (Amherst College, Mount Holyoke College, Smith College, Hampshire College) e uma estadual (University of Massachusetts). Com esse consórcio os alunos das diferentes instituições podem dividir o uso de estruturas de bibliotecas e museus, bem como ter gratuidade em apresentações teatrais e transporte entre os *campi*.

³ Em 2014, o desemprego em Springfield baixou para 8,4%, mas ainda é considerado alto se comparado com a média nacional norte-americana de 6% (KINNEY, 2014).



Foto 1 – Entrada de um dos lotes do Jardinando a Comunidade. Crédito: Ponya Photography

A “agricultura apoiada pela comunidade” é um sistema que iniciou nos Estados Unidos na metade da década de 1980. Nesse sistema, as plantações são apoiadas por “acionistas” que bancam os benefícios e riscos da produção dos alimentos. Esse é um modelo agrícola baseado na economia local e que envolve uma rede de associação de indivíduos, tanto produtores como compradores da comunidade.

A plantação não utiliza nenhum tipo de pesticida ou herbicida. O adubo utilizado é orgânico e provém do estrume de vacas de uma fazenda local. Todo o trabalho é feito sem nenhum maquinário agrícola de grande porte, utilizando apenas mão de obra humana com o auxílio de pás, ancinhos, enxadas e garfos para jardinagem. A água utilizada para irrigar as plantações é coletada da chuva, minimizando a utilização dos suprimentos de água da cidade.

O *Jardinando a Comunidade* abrange 19 famílias. Um dos conceitos em que se baseia o projeto é a justiça alimentar, que se refere ao direito das pessoas a uma alimentação adequada, segura, nutritiva e sustentável. A insegurança alimentar para crianças é considerada um desafio a ser comba-

tido, evitando a geração de situações de fome e de violência. Ao inserir os jovens no projeto, além de levarem às suas famílias alimentos de qualidade e saudáveis, aprendem lições sobre liderança, como discursar publicamente e aumentar a autoestima.

No período de neve, as plantações são realizadas apenas em estufas. As feiras são interrompidas no inverno, quando as temperaturas são mais rigorosas. A seleção de produtos na rua Hancock, em Springfield, pode ser realizada apenas entre final de junho e início de outubro, todas as terças-feiras, das 16 às 18h. A comunidade pode escolher os produtos orgânicos diretamente no espaço em que são plantadas.

As pessoas da comunidade podem ir ao local selecionar sua cota de alimentos ou aguardar para que sejam entregues de bicicleta no raio de até 1,6 km do jardim. Além das entregas às famílias, são realizadas vendas na feira de agricultores *Mason Square*, bem como aos restaurantes locais e bodegas. Ao utilizar bicicletas para a distribuição dos produtos, dissemina-se a ideia de um meio ambiente sustentável e um estilo de vida mais ativo fisicamente em um país onde os índices de uso de carros é bastante alto. As bicicletas e capacetes foram doados por uma universidade local e são utilizados por cerca de 30 jovens que trabalham no projeto.

A participação na *Mason Square Farmers Market* é toda de responsabilidade e organização dos jovens, incentivando que desenvolvam o senso de liderança e o ativismo em prol de uma alimentação saudável e sustentável. A pequena feira é realizada num estacionamento a algumas quadras de distância do jardim, aos sábados, das 10h às 14h.

Com um orçamento anual de 200 mil dólares, além de revitalizar a vizinhança, o projeto *Jardinando a Comunidade* melhora a saúde pública, promovendo o engajamento dos jovens em atividades que beneficiam suas famílias e a região. Entre os produtos vendidos estão também produções da *Next Barn Over Farm*, fazenda localizada em Hadley, a 33 quilômetros de distância de Springfield⁴.

⁴No verão são colhidos os vegetais verdes. No outono, abóboras e batata-doce. São vendidos apenas produtos da região, como brócolis, couve-flor, cebola, alface, tomate, berinjela, beterraba, melancia e pepino. São também plantadas ervas e flores, disponíveis à venda.



Foto 2 – Jovens entregando os vegetais e frutas de bicicleta. Crédito: blog do Gardening the Community

Todos os membros do projeto possuem um limite de itens que podem selecionar no jardim da rua Hancock. Caso a pessoa não queira algo da porção a que tem direito, ela pode deixar numa caixa de “Pegar ou levar” para outras pessoas interessadas. As pessoas podem optar por uma das duas cotas semanais de alimentos: uma de 17 litros (com a qual se contribui semanalmente com 20 dólares) e outra de 35 litros (por 30 dólares semanais, com quantidade de alimento suficiente para quatro pessoas). Os produtos disponíveis para a seleção dos membros variam conforme a colheita das plantações e os produtos que podem ser plantados localmente. Em algumas épocas, há inclusive flores. Produtos tropicais como bananas e laranjas não são plantados.

Considerando que frutas e vegetais são caros nos Estados Unidos, o governo americano fornece auxílio a famílias de baixa renda. Sem o auxílio do governo, a alimentação da população com menor poder aquisitivo resultaria em pior qualidade de vida. Os auxílios fornecidos pelo governo norte-americano são: o SNAP (Programa de Assistência Suplementar de

Nutrição) e a EBT (Transferência de Benefício Eletrônico), concedidos a pessoas de baixa renda ou que estejam desempregadas. Essas pessoas pagam quantias menores para comprar no *Jardinando a Comunidade*.

Diferentemente do Brasil, nos Estados Unidos, exceto as pessoas cobertas pelo Medicare⁵ e o Medicaid⁶, a maioria ainda deve contratar planos particulares para exames de rotina ou tratamentos de saúde. Tendo em vista que os planos mais baratos possuem cobertura restrita, prevenir doenças é uma boa estratégia na diminuição de possíveis gastos.

Conforme dados do Centro Nacional de Prevenção de Doenças Crônicas e Promoção da Saúde, em 2010, a população de Massachusetts era de 6,5 milhões de habitantes. Desse total, 59% dos adultos estavam com sobrepeso e cerca de 23% eram obesos (NATIONAL CENTER, 2012). O nível é considerado um dos mais baixos dos Estados Unidos, cuja média nacional é de quase 30% da população. Entre os adultos, 38% informaram consumir o nível diário recomendado de frutas e 28% consumiam as recomendações diárias de vegetais. Porém quase 21% dessas pessoas não realizavam nenhuma atividade física no mês anterior à pesquisa.

Em regiões como Massachusetts, o período de neve pode durar entre novembro e março, com temperaturas entre -1 e -30 C°. A locomoção durante o período de neve é bastante difícil. Foram raras as vezes em que presenciei pessoas utilizando bicicletas ou motocicletas, porque com o gelo há maior facilidade de quedas quando se utilizam veículos leves. Dessa forma, o uso do carro é bastante frequente, pois a aquisição do veículo é barata e o preço da gasolina também. Nessa época, em alguns dias era impossível até mesmo caminhar nas ruas, pois a quantidade de neve era tanta, que em poucas horas acumulava até a altura da cintura.

Pude perceber, na região de Springfield e Amherst, que o envolvimento da comunidade nos projetos favorece que pessoas com menos poder aquisitivo também se sintam estimuladas a consumir produtos considerados saudáveis. Principalmente devido à interação face a face e aos preços acessíveis, essas pessoas podem evitar dietas baseadas apenas em produtos de alto teor de gordura e açúcar, como os *fast foods* e outras comidas industrializadas, que geralmente são muito mais baratas por lá.

⁵ *Medicare* é um reembolso em gastos em saúde para pessoas acima de 65 anos.

⁶ *Medicaid* é um reembolso para cidadãos com baixa renda.

Portilho e Castañeda (2011) apontam em seu estudo a presença de diferentes intermediações na rede de confiança entre produtores e consumidores. Enquanto em Springfield, no *Jardinando a Comunidade* a rede de confiança é baseada em um sistema de interação face a face, em Amherst ela passa por uma certificação realizada por peritos e vendas realizadas também em mercados da cidade.

Na região central de Amherst, próximo à praça principal, todos os sábados, das 7h30 às 13h30, de abril a novembro é realizada a *Amherst Farmers Market*. Ao todo, essa feira atualmente possui cerca de 26 barracas, organizadas em duas fileiras postadas nas laterais de um estacionamento. Os principais produtos vendidos são vegetais e frutas. Entre os vegetais: tomates, abóboras, cebolas. Entre outros produtos são vendidos também: vinhos, pães, iogurte, queijo, xarope de maple (tradicionalmente local) e carnes.

Essa feira existe há mais de 40 anos. Alguns dos feirantes participam da feira de Amherst há sete anos e outros há 16 ou mais. Há um senhor peculiar, de barba e chapéu, que participa da feira desde 1982. Ele e sua esposa sabem muito da história da feira. Quando perguntado sobre quanto de dinheiro a feira lhe dá, diz que vive uma vida simples e não precisa de tanto quanto as outras pessoas. No início, ele conta que eram sete ou oito barracas de vendedores, sem tendas, tudo muito simples. Segundo ele, a feira foi crescendo e chegou a um ponto em que havia até três fileiras de barracas, tornando o ambiente muito movimentado.

Entre os agricultores da feira de Amherst, o *Chang Farm* é um dos que vende vegetais chineses, cogumelos e suco. Quem realiza a certificação de seus produtos é a *Baystate Organic Certifiers*. A *Baystate*, por sua vez, é credenciada como agente certificador de operações das fazendas pelo USDA (Departamento de Agricultura Norte-Americano). Pode-se, portanto, perceber a existência de uma cadeia de hierarquias, em que em última instância a credibilidade do governo é trazida para certificar a procedência dos produtos, conferindo segurança sobre a ausência de substâncias tóxicas ou nocivas à saúde.

A utilização de instituições certificadoras acontece principalmente devido à legislação americana. Entretanto, conforme me disse uma norte-americana, culturalmente a reputação é algo valorizado, sendo importante para a imagem de pessoas e de corporações. As pessoas confiam no que você disser, e portanto mentir é considerado algo grave e que fere um acordo de confiança implicitamente estabelecido.

Perder essa confiança, depositada por outros agentes sociais, implica uma grave perda. O temor de perder uma boa reputação de uma certa forma coage as pessoas, incentivando que sigam corretamente as legislações impostas, bem como procurem dizer a verdade. Isso não significa que as pessoas não mintam, porém, quando o fazem, assumem os riscos das perdas que essa ação possa ocasionar.

Os discursos assumidos na venda de produtos orgânicos são os mais diversos. Outro agricultor da *Amherst Farmers Market* é o dono da *Simple Gifts Farm*, que vende ovos orgânicos e carne de animais alimentados com grama. Em seu site, o vendedor faz alusão ao tema da sustentabilidade: “Procurando comer bem e reduzir sua pegada de carbono?”⁷. Ao mesmo tempo em que se refere a uma alimentação saudável, faz referência a um meio ambiente mais saudável pelas escolhas realizadas em nível local pelos consumidores. A partir de escolhas mais “conscientes” ou “sustentáveis”, elas estariam também contribuindo para a preservação do meio ambiente em esfera global. Dessa forma, a compra não estaria ligada apenas à esfera pessoal, mas também ao benefício público mais amplamente.



Foto 3 – O espaço da *Amherst Farmers Market* no outono. Crédito: Livia Branga-Peicu

⁷ Provém da expressão em inglês *ecological footprint*, que é um índice de contabilidade dos impactos ambientais cotidianos gerados pelas pessoas, empresas ou países a partir de estilos de vida e práticas de consumo.

Com o desenvolvimento de novas tecnologias de refrigeração, estufas e logística de transporte de alimentos, regiões afetadas com temperaturas extremas podem consumir alimentos que não poderiam ser plantados e colhidos em determinadas épocas do ano. Dessa forma, consumir alimentos produzidos localmente em cada estação é uma das maneiras de diminuir a energia utilizada no transporte e estocagem desses alimentos.

Devido aos limites dos recursos naturais, a sustentabilidade surge como conceito relacionado ao provimento de comida, água e energia por mais tempo e com menos impactos no meio ambiente. A preocupação em ser reconhecida como uma instituição sustentável fez com que a Universidade de Massachusetts (UMass) também se organizasse para suprir seus refeitórios com alimentos produzidos localmente. Alguns dos argumentos são a manutenção da agricultura familiar e manutenção da economia local com alimentos frescos, saudáveis e economicamente mais baratos.

Desde 2007, a UMass possui também um curso em que os estudantes aprendem a gerenciar uma fazenda de produtos orgânicos. Inicialmente com repolho e brócoli, dois estudantes vendiam seus produtos para um dos estabelecimentos estudantis de alimentação. Atualmente são 12 estudantes, que produzem 35 diferentes tipos de vegetais e produzem para os estabelecimentos da universidade, refeitórios da UMass e um supermercado local.

Durante o período em que residi em Amherst, pude realizar algumas refeições nos refeitórios (*dining commons*) da Universidade de Massachusetts, tais como Berkshire e Hampshire. Modernos e com ilhas de alimentos típicos, como orientais, pizza, sushi e vegetarianos, esses locais tinham muita qualidade e diversidade. Entre os alimentos utilizados para a produção dos pratos disponíveis, cerca de um terço deles provinha de produtores locais. Considerado o segundo melhor restaurante dos Estados Unidos entre 379 universidades, no ranking do *Princeton Review's 2015*⁸, o restaurante da UMass possui iniciativas de sustentabilidade, nutrição e valorização da culinária mundial.

Visando prevenir os níveis de obesidade, a UMass Amherst tem procurado incentivar a redução do consumo de carne, alimentos processados, com xarope de milho e muito sódio. É estimulado o aumento no consumo

⁸ É um *ranking* de colégios baseado na opinião de estudantes e não apenas em dados estatísticos.

de vegetais, frutas e bebidas saudáveis. A carne, por exemplo, é vista como um alimento com menor quantidade de energia e requer maior uso de água e energia do que vegetais e frutas. Além disso, esses alimentos geralmente recebem hormônios e antibióticos, os quais são considerados contaminações. Além de prezar pelo incremento de produtos locais, os refeitórios têm procurado diminuir a quantidade de alimentos geneticamente modificados.

Conforme Costa et al. (2011), os alimentos geneticamente modificados (GMos, em inglês) ou também conhecidos como transgênicos são resultado de experimentos bem-sucedidos das tecnologias desenvolvidas desde a metade da década de 1980 pela engenharia genética. Conforme o argumento de quem utiliza os transgênicos, essas alterações nos alimentos são também benéficas, permitindo que sejam desenvolvidas sementes com maior teor nutricional, com alto rendimento e tolerância a pestes⁹. Desde a comercialização em 1996, o uso de transgênicos aumentou exponencialmente, principalmente em relação ao plantio de soja e milho, gerando insegurança em relação aos impactos ambientais produzidos.

Segundo relatório da WorldWatch (2012), o uso de fertilizantes químicos tem reduzido a quantidade de micro-organismos benéficos aos solos, tornando essas superfícies mais vulneráveis aos eventos climáticos. A produção e aplicação de fertilizantes à base de nitrogênio foi responsável por 750 milhões de toneladas de CO₂. Ao todo, com o desmatamento e o uso de agroquímicos, processamento e transporte de produtos, a WorldWatch estima que a agricultura atual contribua com aproximadamente 25% das emissões de carbono na atmosfera. De acordo com dados da Associação Brasileira de Produtores de Milho, os Estados Unidos são o maior produtor mundial de milho, sendo 80% dele transgênico (GLAT, 2010). Grande parte do milho produzido em território norte-americano é consumido in-

⁹ Entretanto, outros estudos contestam as supostas vantagens dos transgênicos. Pela falta de variabilidade genética, Shiva (2003) afirma que os transgênicos homogeneizam a plantação, podendo torná-la vulnerável a outras pestes. “A introdução de safras resistentes a herbicidas vai aumentar o uso desses produtos químicos e, com isso, vai aumentar também a eliminação de plantas úteis econômica e ecologicamente. A resistência aos herbicidas também exclui a possibilidade de rotação de culturas e de safras mistas, essenciais para uma agricultura sustentável e ecologicamente balanceada, pois as outras espécies são destruídas pelos herbicidas” (SHIVA, 2003, p. 41).

ternamente, estando presente como base da dieta em cereais matinais e subprodutos como farinha de milho, óleo, amido e glucose – presentes nas receitas de salgadinhos, bolos, doces, biscoitos e sobremesas.

A falta de possibilidades de previsão dos efeitos do plantio e consumo dos alimentos geneticamente modificados incita debates mundiais em relação ao perigo de seu uso e necessidade de um controles mais rigorosos, com o intuito de avaliar os possíveis danos alimentares, ecológicos e agrotecnológicos causados.

Do que pude perceber em minha rotina diária em Amherst, a praticidade era um dos elementos principais na realização de compras da maioria dos estudantes, que preferiam frequentar as grandes redes multinacionais de supermercados. A facilidade de acesso via transporte público e os preços mais baratos eram os principais atrativos desses estabelecimentos. Principalmente entre estudantes internacionais ou pessoas de etnias negra e hispânica, poucos tinham a possibilidade de manter um carro. Para os estudantes internacionais, por exemplo, o valor exigido para o seguro obrigatório do automóvel era caro e o tempo de permanência não compensava o investimento em praticidade.

Em Amherst, havia claramente uma distinção em relação à ideologia alimentar entre os estudantes e as pessoas com mais idade e crianças. Os estudantes em grande parte estavam envolvidos em uma rotina de aulas com muito pouco intervalo entre elas e muito tempo dedicado a atividades escolares e esportivas. Não havia um horário específico para o almoço, pois a refeição mais importante era o café da manhã, geralmente com cereais. Para economizar o dinheiro recebido dos pais ou conseguido em trabalhos de meio turno, muitos deles alimentavam-se à base de lanches rápidos, como sanduíches e pizzas.

As pessoas com mais idade e filhos tinham suas rotinas voltadas à educação e à saúde das crianças. Grande parte dessas pessoas tinha carros e fazia compras de alimentos orgânicos, pois para eles estava relacionado à ideia de saúde familiar. O preço pago a mais era visto como um investimento na saúde corporal e em um “futuro saudável”. Como havia dito anteriormente, por não haver um sistema público de saúde, cuidar da alimentação e praticar atividades físicas era considerado importante.

Cheiro, textura e sabor, por exemplo, são aspectos subjetivos dos alimentos, os quais são percebidos de maneira diferente por cada pessoa. Por

desconhecer o processo de produção e manejo e também não se sentirem capacitados a perceber as diferenças entre orgânicos pela simples observação, os estudantes com quem conversei diziam preferir economizar comprando o produto mais barato, ou seja, geralmente o produto que não era orgânico.

Os que procuravam produtos que supostamente teriam melhor qualidade faziam suas compras em uma loja de varejo alimentício que diz ter como valores centrais o compromisso de promover um ambiente honesto e franco, valorizando a comunidade, os empregados, os investidores e o meio ambiente.

A loja de varejo *Whole Foods* era onde poderiam ser encontrados medicamentos alternativos, própolis, comidas sem conservantes, sem adoçantes, sem gordura saturada ou sem glúten. A rede afirma ter como diferencial o compromisso com a responsabilidade ambiental, priorizando a venda de produtos orgânicos. Entre as missões da rede estava a agricultura sustentável em harmonia com a natureza, prezando pela diversidade e por um ecossistema saudável.

Embora a empresa transmita a ideia de que vende apenas produtos orgânicos, em realidade, conforme a Associação dos Consumidores Orgânicos norte-americana, vende muitos produtos que são etiquetados como “natural”, mas com preços muito mais caros. Imaginando estarem consumindo produtos saudáveis, as pessoas que realizam suas compras nessa rede de supermercados pensam estar fazendo a melhor escolha para suas famílias e o meio ambiente. Entretanto, não há nenhuma regulação sobre o que é um produto “natural”, o qual pode ser um produto convencional sem nenhuma monitoração.

A escolha de orgânicos é trazida na atualidade como uma decisão que afeta o globo inteiro devido à questão da sustentabilidade. A utilização de fertilizantes e pesticidas foi responsável pela Revolução Verde na década de 1950 com o aumento de terrenos cultiváveis e o controle de insetos. A partir dessa Revolução, houve a redução do uso da mão de obra humana e aumento do maquinário e de produtos químicos artificiais, visando expandir os índices de produtividade. Além disso, diminuiu-se a variedade de cultivos, adotando o regime agrícola de monocultura.

Na atualidade, advoga-se uma mudança paradigmática com a diminuição da monocultura e rumo a uma minimização da poluição gerada por

práticas agrícolas. Esse novo paradigma consta no relatório da ONU como “intensificação ecológica” e tem nos pequenos agricultores um de seus pilares. Devido aos efeitos da Revolução Verde, um grupo de pessoas pretende desenvolver o que pode ser denominado de Nova Revolução Verde ou Alternativa, produzindo alimentos sem contaminação (ZAMBERLAM & FRONCHET, 2001).

A Associação de Comércio de Orgânicos (OTA) dos Estados Unidos afirmou que em 2010 o mercado de comida orgânica representava cerca de 4% do mercado total de vendas de alimentos daquele país. Conforme os dados apresentados, o aumento do consumo de produtos orgânicos é uma tendência, tendo expandido mais de 7% entre 2010 e 2012 nos Estados Unidos. A venda de vegetais e frutas orgânicas representa 11% do total desse mercado.

Segundo dados do Instituto de Pesquisas de Agricultura Orgânica (FiBL), a América do Norte representava apenas 1% do total de produtores mundiais em 2012. Entretanto, o país foi considerado o melhor mercado de vendas, com mais de 22 milhões de dólares em vendas, parcela que abarca 44% do total mundial.

Desde 1999, em Massachusetts a CISA (Comunidade Envolvida na Agricultura Sustentável) realiza a campanha *Be a local hero, buy locally grown* (traduzido: “Seja um herói local, compre os cultivados localmente”), que incentiva a compra de produtos produzidos por fazendas locais. Essa rede de negociantes e fazendeiros procura dar mais visibilidade à agricultura local, criando um sentimento de envolvimento local entre produtores e compradores.



Foto 4 – Placa em frente a uma propriedade de agricultores de Amherst. Crédito: Livia Branga-Peicu

Devido à falta de informações mais precisas sobre os hábitos de consumo do *Pioneer Valley*, região de três condados próximos ao rio Connecticut¹⁰, a CISA avalia que cerca de 12,5% da alimentação da região seja local, sendo ela comprada nas feiras ou restaurantes que compram esses produtos da região.

Sustentabilidade, comunidade, nutrição e saúde parecem ser conceitos-chave para entender os argumentos relativos ao consumo de produtos orgânicos e produzidos localmente. Uma das visões recorrentes é que, ao evitar a compra e o consumo de comidas processadas e alteradas geneticamente, se expressa liberdade em relação ao poderio de *marketing* das grandes corporações. É a mudança de um estilo de vida de praticidades e conve-

¹⁰ É o rio mais longo e importante da Nova Inglaterra. Flui no sentido norte-sul, com cerca de 640 km de extensão.

niências para outro considerado saudável (numa dimensão que pode ir além dos benefícios individuais).

As mudanças climáticas levam ao medo em relação a eventuais desastres ecológicos que afetem a produção de alimentos, causando fome e má nutrição. A preservação do meio ambiente com medidas sustentáveis traz à tona a necessidade das micropolíticas. A ação dos consumidores em privilegiar os produtores locais, além de uma questão econômica, também é social. A sustentabilidade abarca diversas dimensões, tais como a ambiental, social, econômica, política e jurídica.

A escolha em eliminar os transgênicos e priorizar os produtos orgânicos produz intermediações entre a esfera privada (do corpo, da casa e da família) e a esfera coletiva (da localidade, da natureza, do planeta e da humanidade) (PORTILHO & CANTAÑEDA, 2011). Essas esferas são influenciadas também por diferentes concepções de valores, havendo a mediação entre valores financeiros (o custo dos produtos, o valor dos seguros de saúde), sentimentais (o zelo da família), ecológicos (a preservação do meio ambiente) e éticos (o futuro que se pretende deixar para as próximas gerações).

Para além das análises nutricional, sanitária, simbólica, social e histórica, uma dimensão ética, política e ideológica relaciona as escolhas alimentares, os locais e as formas de aquisição e preparo dos alimentos à preservação ambiental, ao desenvolvimento rural sustentável e à solidariedade com os pequenos produtores locais (PORTILHO & CASATAÑEDA, 2011, p. 12).

As feiras, mais do que apenas espaços de venda, são também espaços de convívio, onde se podem ouvir histórias de pessoas e também dos alimentos, pode-se compartilhá-las e ter um sentimento de pertencimento. A escolha da compra de produtos nem sempre é racional, envolvendo também processos emocionais.

O aumento da preocupação de algumas pessoas em separar o que é orgânico do que é industrial, mais do que criar um nicho de mercado para certificadores e para os próprios vendedores, produz mediações entre as noções de limpeza e de poluição. Os que possuem agrotóxicos, pesticidas e elementos fabricados são considerados impuros e danosos; os que possuem apenas outros elementos orgânicos seriam puros e, portanto, saudáveis.

É necessário ir além e perceber de que forma o conceito de alimento orgânico/natural é resultante de uma construção discursiva. Ainda não se

sabe de que forma os alimentos transgênicos afetam a nossa qualidade de vida, mas eles estão muito mais presentes do que se pressupõe, como no milho, soja, arroz e seus subprodutos.

Dentro do sistema capitalista ocidental, parece que as grandes empresas perceberam a importância da sustentabilidade principalmente como retórica e dificilmente como prática. Incluídas nas propagandas e nas missões das empresas, as práticas sustentáveis aparecem como mais uma forma de fornecer lucros às empresas, que se aproveitam da associação ao referencial ambientalista. O lugar da natureza aparece cada vez mais como forma de exploração, seja ao serem ignoradas as necessidades de mudança, seja ao adotar-se apenas discursivamente a importância da sustentabilidade ambiental.

As raízes éticas e ideológicas da crise ambiental atual parecem ser muito mais profundas do que os atuais debates. Se considerarmos que o planeta Terra é a nossa casa, cada pequena porção de terra continental pode ser considerada uma parte deste nosso jardim. O jardim é a parte da frente, a entrada da casa, onde desde o início se saúdam as pessoas que são convidadas a entrar.

Ao permitirmos que nossos jardins possam ser de toda a comunidade de forma justa, teremos a certeza de que todos serão bem-vindos e estão incluídos para contribuir com um futuro mais justo e ecologicamente equilibrado. Jardinar a comunidade é torná-la mais receptiva a todos e um terreno fértil para o cultivo do que nos faça bem.

Referências

CITY-DATA.COM. Springfield, Massachusetts (MA) *Poverty rate data* – information about poor and low income residents. Disponível em: <<http://www.city-data.com/poverty/poverty-Springfield-Massachusetts.html>>. Acesso em: 7 out. 2014.

COSTA, Thadeu Estevam Moreira Maramaldo; DIAS, Aline P. M.; SCHEIDEGGER, Érica M. D.; MARIN, Victor A. Avaliação de risco dos organismos geneticamente modificados. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 16, n. 1, jan. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232011000100035>. Acesso em: 7 out. 2014.

GLAT, Daniel. *A dimensão do milho no mundo*. Associação Brasileira dos Produtores de Milho. 2010. Disponível em: <<http://www.abramilho.org.br/noticias.php?cod=975>>. Acesso em: 8 out. 2014.

KINNEY, Jim. Massachusetts unemployment falls to pre-recession level. 17 julho 2014. Disponível em: <http://www.masslive.com/business-news/index.ssf/2014/07/massachusetts_unemployment_falls_to_pre-.html>. Acesso em: 7 out. 2014.

NATIONAL CENTER FOR CHRONIC DISEASE PREVENTION AND HEALTH PROMOTION. Massachusetts State Nutrition, Physical Activity and Obesity Profile. September 2012. Disponível em: <<http://www.cdc.gov/obesity/stateprograms/fundedstates/pdf/massachusetts-state-profile.pdf>>. Acesso em: 7 out. 2014.

PORTILHO, Fátima; CASTAÑEDA, Marcelo. Certificação e confiança face a face em feiras de produtos orgânicos. *Revista de Economia Agrícola*, v. 58, n. 1, jan./jul. 2011, p. 11-21.

SHIVA, Vandana. *Monocultura da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia*. Tradução Dineli de Abreu Azevedo. São Paulo: Gaia, 2003.

USA.COM. Springfield, MA. *Population and Races*. Disponível em: <<http://www.usa.com/springfield-ma-population-and-races.htm>>. Acesso em: 7 out. 2014.

WORLDWATCH. Disponível em: <http://www.worldwatch.org/system/files/188%20climate%20and%20ag_FINAL.pdf>. Acesso em: 7 out. 2014.

ZAMBERLAM, Jurandir; FRONCHET, Alceu. *Agricultura ecológica: preservação do pequeno agricultor e do meio ambiente*. Petrópolis: Vozes, 2001.

Um trabalho etnográfico entre mulheres camponesas e a reprodução social no meio rural

Fernanda Simonetti¹

Introdução

Este artigo é fruto de uma pesquisa² realizada entre os anos de 2009 e 2010 entre mulheres camponesas descendentes de imigrantes italianos residentes na região central do Rio Grande do Sul: a Quarta Colônia. Através dessa pesquisa pude compreender que essas mulheres têm suas vidas dedicadas ao trabalho e às suas famílias. No entanto, a reprodução social de suas propriedades também tem sua importância, pois dela depende a continuidade da propriedade rural.

Assim, o casamento, a sucessão das terras consistem em um marco fundamental para a vida dessas pessoas que possuem, em sua grande maioria, pequenas propriedades. Um dos objetivos dessas famílias vai ser manter a unidade da propriedade evitando ao máximo a sua divisão. O casamento então pode ser identificado como uma das estratégias para a reprodução social. Nesse trabalho de campo, como em outros trabalhos sobre essa temática, as mulheres eram (e em alguns casos ainda são) postas de lado quando havia a divisão da herança, pois ficava subentendido que a mulher casada poderia compartilhar das terras de seu marido. As mulheres que recebessem as terras, por vezes, doavam ou vendiam por um valor “simbólico” a seus irmãos. Em outros casos, algumas meninas eram encaminhadas para conventos onde teriam acesso ao estudo.

¹ Cientista social (UFSM), licenciada em Sociologia (UFSM), mestre em Ciências Sociais (UFSM) e doutoranda em Desenvolvimento Rural (UFRGS).

² Pesquisa para elaboração de dissertação no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (UFSM), tendo como orientação a prof^ª Dra. Maria Catarina Chitolina Zanini.

Em suma, este artigo tem como propósito analisar as narrativas das camponesas descendentes de italianos, visto que são ainda escassos os trabalhos realizados nessa temática da reprodução social na região da Quarta Colônia/RS. A intenção é que através deste artigo haja contribuições, propiciando uma reflexão sobre as mulheres camponesas e a reprodução social.

Metodologia

A metodologia escolhida para essa pesquisa foi a etnografia, com realização de observação participante e entrevistas. Foram selecionadas mulheres das mais diversas faixas etárias, pois um dos objetivos era verificar se, de fato, haviam ocorrido mudanças quanto à questão da reprodução social. O município pesquisado foi Faxinal do Soturno, pertencente à Quarta Colônia/RS³. As comunidades escolhidas foram: Sítio Alto e Novo Treviso, sendo que ambas possuem, como amparo econômico, a agricultura familiar, tendo como cultivo predominante o fumo.

Essa região é composta, majoritariamente, por descendentes de imigrantes italianos. A imigração da Europa para o Brasil ocorreu de forma mais intensa no século XIX. Essa colonização dá origem à formação de um novo tipo de campesinato no Brasil, que, por sua vez, engendra a construção de núcleos urbanos e de um pequeno mercado regional (SEYFERTH, 1990).

Olhar, ouvir e escrever são as faculdades essenciais durante a pesquisa. A primeira experiência em campo é a domesticação de seu olhar. Algo fundamental para o qual o autor chama a atenção é que o pesquisador deve ter um domínio das teorias para saber interpretar o seu olhar. Outro amparo do pesquisador pousa no ouvir, ou melhor, saber ouvir. O ato de ouvir

³ Em 1876, foi criado o Núcleo Colonial de Santa Maria da Boca do Monte, sendo os imigrantes russo-alemães (poloneses) os primeiros a chegar à região em 1877. Em dezembro de 1877, pouco antes da chegada dos imigrantes italianos, o lugar passou a ser denominado de Quarto Núcleo Imperial de Colonização Italiana no Rio Grande do Sul e, em 21 de setembro de 1878, teve seu nome alterado para “Colônia de Silveira Martins”, em homenagem ao senador Gaspar Silveira Martins. Posteriormente, em 1882, deixou de ser colônia imperial e passou a ser administrada pela Província, e novamente teve sua nomenclatura modificada, agora para ex-Colônia de Silveira Martins (SPONCHIADO, 1996, p. 54-8).

requer muita paciência e perspicácia. O autor chama a atenção do poder que o pesquisador pode exercer sobre o informante por mais neutro que tente ser. Dessa forma, o olhar e o ouvir seriam a primeira etapa, a segunda etapa caberia ao ato de escrever. Se o pesquisador então souber utilizar a sua sensibilidade em deixar o “outro” se expressar e fizer a correta coleta do material, sem dúvida, terá um bom material para ser analisado posteriormente (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1996).

Como referência ao exercício do trabalho de campo, cito Malinowski (1978):

Na etnografia, onde o autor é ao mesmo tempo o seu próprio cronista e historiador, não há dúvida de que suas fontes sejam facilmente acessíveis, mas também extremamente complexas e enganosas, pois não estão incorporadas em documentos materiais, imutáveis, mas no comportamento e na memória de homens vivos (p. 27).

Como descendente de italianos, estou habituada ao cotidiano dessas pessoas, mas, como Geertz (1978) aponta, deve-se conviver com o grupo sabendo discernir o que é um piscar de olhos ou uma piscadela e se isso quer significar algo mais, sendo que são os pequenos detalhes que nos revelarão as realidades dos fatos cotidianos das pessoas e a visão de mundo de seres inseridos em determinada cultura.

Quanto à construção do objeto, Bourdieu (1999) faz algumas considerações, tal como: não se deve beber diretamente da boca do informante, mas sim das construções das relações sociais. Sendo assim, a teoria separada da prática é algo inútil. Assim, as informações repassadas permitem ser usadas como guia em um trabalho etnográfico, mostram que se deve ter clareza do que se quer estudar, saber o que se quer perguntar, o motivo de fazer determinado número de perguntas. Assim, a proposta de Bourdieu (1999) está direcionada para o nascimento de certa sensibilidade aos sociólogos para observar e promover soluções aos problemas do mundo social.

Dessa forma, por meio da pesquisa etnográfica, este artigo busca analisar as narrativas das camponesas descendentes de italianos, visto que são ainda escassos os trabalhos realizados com mulheres camponesas e sobre a temática da reprodução social na região da Quarta Colônia/RS.

Descendentes de imigrantes italianos como um grupo étnico

Os imigrantes italianos que chegaram à região central do Rio Grande do Sul nos anos 1877/78, oriundos especialmente do norte da Itália, vinham em famílias, eram predominantemente católicos, camponeses e pobres. Buscavam especialmente uma possível melhora em sua condição de vida, mas também uma reprodução da condição camponesa baseada na organização do trabalho em família (ZANINI, 2006).

Para Seyferth (1993), o camponês era portador de uma origem étnica distinta, produzida no cenário histórico regional do sul do país. Além de todo um conjunto de valores advindos do mundo camponês e do trabalho com a terra, esses indivíduos são portadores de uma visão de mundo e de um *ethos* permeados do “mundo italiano”, sua religiosidade (catolicidade), sua busca pela ascensão social, pela manutenção da família como instituição primordial e pelo trabalho como um valor.

Identifico os descendentes de imigrantes italianos da zona rural da região central do Rio Grande do Sul como um grupo étnico à medida que compartilham de sinais diacríticos comuns (BARTH, 2000) e fazem uso dos mesmos nos processos interativos como sinais de distinção, inclusão e exclusão sociais. A identidade étnica de italianos é acionada em referência contrastiva a outros grupos, no caso em estudo, sempre situacionalmente; os outros grupos são os vizinhos alemães de Agudo, os afrodescendentes e os denominados “brasileiros”⁴. Para Weber (1991), a crença numa origem comum e numa suposta “honra étnica” de compartilhamento possibilita a existência dos grupos étnicos. Dessa forma, em sua reflexão é agregada a consciência étnica à experiência da migração, o que assinala o sentimento de pertencimento a uma coletividade. No caso aqui estudado, trata-se da crença compartilhada na origem italiana, que possibilita o sentimento de uma comunidade imaginada comum (ANDERSON, 2008).

Pelo próprio fluxo migratório e pela demanda de terras para as próximas gerações, a base fundiária do campesinato fundamentou-se na peque-

⁴ A Quarta Colônia de Imigração Italiana era composta por sete municípios, mas hoje conta com nove cidades. Dessa forma, Agudo e Restinga Seca, por se identificarem respectivamente com as colonizações alemã e portuguesa, deram forma a esse novo território.

na propriedade familiar e policultora. A identidade desse colono foi construída a partir de um *ethos* camponês independente de nacionalidade. Esse modelo de colonização se deu através do lote, ou seja, a colônia, como é conhecida também. Foi nos contornos das colônias que os sinais diacríticos de pertencimento se processaram. A policultura e a divisão cuidadosa do trabalho entre todos os membros da família eram usadas como sinais diacríticos da identidade social e étnica (SEYFERTH, 1999).

Seyferth (2009) afirma que as identidades étnicas representam diferenças culturais, mas só têm sentido, ou seja, só têm alguma funcionalidade social caso forem confrontadas com o “outro”. Essa identidade seria a reunião de vários itens, tais como: o uso da língua materna, hábitos alimentares, formas de organização social, associações recreativas, entre outros. E. Woortmann e K. Woortmann (1997) referem-se ao modo de viver camponês como consequência de seu *know-how*, ou seja, de seu saber-fazer, a lógica passada entre gerações e que é transmitida e retransmitida pelos camponeses. Os autores salientam também que esses valores não são imutáveis, ou seja, estão em constante processo de atualização.

A natureza política ou econômica da etnicidade remete a grupos de pessoas unidas em torno de interesses comuns. Os processos identitários não existem fora de contexto, mas a etnicidade é um instrumento que é acionado em alguns momentos relevantes. Pode ser como um meio para adquirir privilégios. Vale ressaltar que a identidade étnica pode ser manipulada e utilizada para atingir alguns objetivos (COHEN, 1974).

Assim, identifiquei esses descendentes de imigrantes italianos como um grupo étnico apresentando especificidades próprias que os identificam. Nos próximos itens serão trabalhados, ainda que de forma sintética, itens como: o casamento e a sucessão das terras. Esses itens são compreendidos através de uma contextualização social.

O casamento

Nesse item serão abordados, de forma sucinta, o casamento e a visão dessas mulheres quanto a esse assunto. O casamento é um dispositivo de reprodução social importante dentro dessas comunidades nas zonas rurais. Para Stropasolas (2004), casar não é uma simples questão de escolha individual, pois há uma família atrás do interesse dessa pessoa. Nesse sentido,

a partir do casamento já se faz uma projeção da sucessão das propriedades rurais.

Em conversa com uma informante, ela relatou que gostaria que seu filho namorasse e casasse com uma menina da comunidade onde residem, alegando que assim conheceria a família de origem da moça. Porém o filho dela estava namorando uma moça na cidade e já estava grávida. Diante desse fato, a família estava aceitando a situação, mas o sonho dessa mãe em relação ao filho não era esse. A mesma alegou que o jovem casal a chama de “atrasada” como no depoimento:

Eu acho que se fosse mais rígido seria melhor, os casal iam se acertar mais também durar mais o casamento, é hoje em dia o casamento é assim não todos, mas a maioria é para se experimentar ficam um tempo e já se soltam (...) a única coisa que eu quis chamar a atenção deles disse assim que era bonito um casamento um namoro mais moderado, mas não assim do jeito de hoje em dia e se cuidar mais né daí eles me responderam que sou do tempo antigo que não é assim que tem que se expreméntá para casar, porque se não se expreméntá não dá certo e eu acho que não é assim. Então, a gente pode vê né as pessoas os casamentos mais antigos são que os mais duram, por exemplo, é pouco os casamento que tu vê um casal fazer 25 anos, 50, 60 anos (Informante da comunidade de Novo Treviso, 44 anos).

O que pode ser observado é que certos temas, como sexualidade, namoro, estão repletos de tabus e de constrangimentos, especialmente para as mulheres. O mundo feminino, por vezes dicotomizado entre o mundo moderno e o mundo das “antigas”, é repleto de complexidades, que fazem com que muitas descendentes de imigrantes italianos vivam não sem dilemas, mas numa busca pela emancipação feminina sem deixar de valorizar coisas que consideram importantes, como família, religiosidade, entre outras (ZANINI, 2006, 2007).

Seguindo essa reflexão, trago Favaro (1996), que declara que, para a mulher, manter a virgindade era essencial, visto que, se a moça caísse em “erro”, a família seria juntamente desonrada. Assim, é visível o controle social no nível de uma mentalidade coletiva. É interessante que as sanções recaiam sobre a mulher, pois, para o homem, essa moral era permitida. Embora os relacionamentos viessem carregados da ideia de pecado, o ato da transgressão poderia vir a quebrar as regras e costumes. Outra forma de análise dessa citação é que antigamente os casais não tinham oportunidade de se conhecer a fundo antes de casar. Os encontros eram marcados com a presença dos pais, e os carinhos e os beijos eram muito restritos. Dessa

forma, depois de casados, as incompatibilidades eram comuns, mas a solução era suportar-se e construir uma boa família.

Ainda segundo Stropasolas (2004), relatam-se em particular os depoimentos de moças em relação ao casamento e seus valores. Destaca o descontentamento das meninas, principalmente entres filhas de agricultores empobrecidos que se recusam a casar e formar família com outros filhos de agricultores, pois têm como objetivo a busca de estudo e trabalho na cidade para “mudar de vida”. Essas são as palavras que a informante de 16 anos relatou:

Aqui não tem muitas oportunidades e aqui não quero ficar trabalhando na roça e tal eu quero estudar ter uma profissão arrumar um emprego e toda aquela coisa ter uma boa casa, carro todas essas coisas normais que todo mundo quer pelo menos que eu acho né e aqui não tenho nenhuma oportunidade pra mim acho (Informante da comunidade do Sítio Alto, 16 anos).

Durante a entrevista, a informante relatou várias vezes a falta de oportunidades na zona rural, onde se depende da agricultura para sobreviver. Essa recusa em permanecer no campo é aliada à vontade dos pais de que a filha estude e tente uma vida de menos sacrifícios na cidade, além da vontade em encontrar um namorado citadino.

A sucessão das terras

A sucessão das terras ou as heranças são um tema clássico quando abordamos o campesinato. Essa temática pode ser um tanto delicada, em alguns casos representando por vezes a divisão familiar. Em muitos episódios as mulheres foram excluídas quanto à herança. Para quem olha de fora, a situação parece injusta, pois as mulheres trabalham tanto quanto os homens no cotidiano da propriedade. No entanto, se analisarmos a partir da lógica camponesa, essas partilhas vêm no intuito de manter a propriedade e de não fragmentá-la muito, para dar uma continuidade na sua reprodução social. Na sequência serão enunciados alguns exemplos colhidos no trabalho de campo e, dessa forma, tentar entender melhor a sucessão de terras na comunidade do Sítio Alto e na de Novo Treviso.

Sobre essa temática da sucessão é interessante ressaltar algumas falas das mulheres sobre herança:

Lá assim, a terra é do meu pai, mas ele já dividiu, ele já deu pros filhos porque ele não quer que nós choramos no caixão que briguem. Então ele

(pai) sem falar com ninguém, nenhum filho, ele dividiu tudo igual, ele tinha 320 hectares né e nós como em 6 irmãos, todos igual, e já fez a escritura, só que ele segurou na mão dele a escritura, mas foi ele que fez, pagou a escritura tudo e como já tem nosso pedaço, ele já deu pra plantá, até os outros meus irmãos não quiseram plantá, até nós plantava no pedaço do meu irmão e da minha irmã, então a gente planta assim porque não podemos vendê enquanto ele tá vivo, é que assim, nós podemos vender, mas daí temo que dá 25% para ele(pai), ele já fez isso pra nós não vendê (Informante da comunidade do Sítio Alto, 53 anos).

Nesse caso, a mulher achava que nunca receberia nada de herança, pois saiu de casa quando tinha dois anos e meio por motivos de saúde. Onde a família residia (interior do município de Júlio de Castilhos), era muito frio, e o médico recomendou outro lugar, onde o clima fosse mais apropriado. Carneiro (2006) aponta a própria mudança do espaço da mulher na sociedade e no meio rural, bem como o enfraquecimento da autoridade patriarcal decorrente da crise do sistema de reprodução e também do estreitamento com as relações com as cidades. Dessa forma, ocorre a construção de uma identidade, e essa mulher não é mais vista apenas como a esposa do agricultor. Nas falas, essa mesma informante de Sítio Alto ainda se diz surpresa com a atitude do pai em dividir as terras todas de forma igual entre os irmãos. Quando ela disse ao pai que achava que não ganharia nada, o mesmo deu esta resposta:

Eu pensava que o pai ia dar o dobro pro nosso irmão, só que o pai só beneficiou as mulheres, porque nós somos em 4 gurias e dois gurus, e ele deu igualzinho, só que ele tinha comprado seis terrenos lá em Julio de Castilhos na cidade e ele vendeu e deu pra nós o dinheiro, daí ele falou assim: “os filhos homem eu ajudei até eles se colocá, e as gurias eu não ajudei, então elas vão ganhá a mesma coisa e ainda por cima mais um terreno”. Eu achei o pai assim, fez uma coisa que eu não pensava porque eu achei que ele ia dividir o que ele tinha com os filho homem né, pra ficá com o nome e invés não (...) daí quando ele fez a escritura ele chamou cada filho e levou lá pra mostrar a terra (Informante da comunidade do Sítio Alto, 53 anos).

O interessante é a consciência desse homem em dizer que os filhos ele já havia ajudado, enquanto as mulheres ainda não. Além disso, o pai dessa mulher ainda disse que ela era filha tanto quanto os outros, apenas não pôde ficar em casa devido aos problemas de saúde, indo para a casa do avô e da avó cuidar dos mesmos. Como a própria entrevistada relatou, “achei que ele ia dividir pra ficá com os filho para ficar com o nome”. Quando esse homem resolveu dividir em partes iguais, entre as mulheres e os ho-

mens, de certa forma rompeu a propriedade como uma unidade. Por vezes, o que se observa nas pequenas propriedades agrícolas é a preocupação em “retalhar” muito a mesma e, com isso, dificultar a reprodução social do camponês. Assim, Seyferth (1999) afirma que as regras costumeiras de herança variavam conforme a tradição de origem dos imigrantes, podendo assim privilegiar apenas os homens, ou um único filho ou todos os filhos. No entanto, em quase todos os casos, era praticamente impossível evitar a divisão das propriedades. Somente se conseguia preservar no caso em que a tradição camponesa de herança indivisa fosse preservada.

Essa mesma mulher ainda lembrou que antigamente era normal as mulheres não receberem a herança ou receberem bem menos do que os homens. Ela cita o exemplo do sogro:

É, sabe aqui o sogro, o pai dele (marido) dividiu as terras com os filho dele e as mulher ele fez assim, se tocava 3 hectares pra cada homem, 1 hectare era pra mulher, mas ela não recebia o valor desse um hectare, os filho homem pagava pra ele se ele sobrasse depois de morto o dinheiro era dividido com as mulher, então praticamente não ganhava nada, a tia que casou com um irmão do sogro deu pra comprar um vestido a herança e os filhos ganharam 15 hectare de terras cada um (Informante da comunidade do Sítio Alto, 53 anos).

Esse episódio foi ressaltado várias vezes, pois com a herança essa mulher pôde comprar apenas um vestido. Sobre essa questão, Paulilo (2000) relata que nem todos os homens recebem por sua vez herança quando a propriedade é pequena; no entanto, eles seriam compensados tendo acesso ao estudo ou auxiliados até encontrar outra profissão. Nesse caso, o que restaria à mulher seria o dote, que seria constituído de roupas, lençóis; isso se caracterizaria como enxoval.

Quanto a isso, tenho exemplo em minha família, pois minha mãe, quando casou, conseguiu juntar algumas toalhas, lençol. Uma vez era comum as mulheres fazerem seu próprio enxoval bordando. E quanto à herança, meu avô deixou 10 hectares para cada um de seus oito filhos e, para as três mulheres, deixou apenas cinco hectares para cada uma. No entanto, minha mãe deu sua parte aos irmãos. Quando questionei o motivo, ela relatou que já morava na cidade e que eles precisariam mais, pois ela já estava estabilizada e eles cuidariam das terras. Outro motivo dado pela minha mãe para esse fato refere-se à sua criação: quando chegava alguém em sua casa para fazer alguma visita, os da casa cediam suas camas e dormiam no

chão, ou quando a visita fosse comer algo, o melhor pedaço era para ela (visita). Então, através dessa lógica de o melhor para os outros, ela explicou o motivo de dar suas terras a seus irmãos. Carneiro (2006) também aborda essa diferença de tratamento entre homens e mulheres quando chega a hora da divisão do patrimônio:

As filhas, nesse caso, normalmente não herdam terra. Por ocasião da transmissão da herança, a mulher (tanto as filhas como a esposa) é levada a abrir mão de sua parte em nome do filho (ou dos filhos) escolhido como sucessor. A parte delas na herança é reduzida ao enxoval e a alguns bens para a casa, no caso de se casarem com um agricultor, ou revertida em sua manutenção na cidade enquanto estuda e se prepara para a inserção no mercado de trabalho urbano. Exceção é feita no caso da mulher que não se casa. Como o que confere direito à terra é tê-la cultivado, entende-se que as celibatárias que “abriram mão” do casamento em função das demandas familiares recebam uma pequena parcela de terra por sua participação na lavoura familiar e nas tarefas domésticas (CARNEIRO, 2006, p. 07).

Em Paulilo (2000), há inúmeras variáveis quanto a dotes, heranças, mas tem uma em especial, quando as mulheres recebem terras e a vendem para seus irmãos por um valor menor. Nesses relatos, é sempre adequado verificar que a mulher trabalha tanto quanto o homem e por diversas vezes recebe nada ou quase nada da parte da herança. Uma dessas diferenças pode ser ressaltada a seguir:

Isso aí tava errado, porque acho que a mulher também precisa de descanso e não só eles, mas o costume era assim o homem ia na roça mas chegava em casa ele fazia o descanso dele ai invés a mulher desde moça bem dizê os homem chegavam os mano chegavam e eles descansavam e nós tinha que deixa tudo pronto pra depois ir na roça junto, se a gente tivesse a vida de hoje, nascendo hoje teria outro costume (Informante da comunidade de Novo Treviso, 65 anos).

Essa senhora refere-se ao fato de que, quando chegava a hora do almoço, os homens apenas esperavam a comida pronta. Enquanto as mulheres ou acordavam antes e deixavam o almoço encaminhado ou tinham que sair um pouco antes da lavoura para providenciar, e depois do almoço ainda cabia à mulher o serviço de lavar a louça, limpar a cozinha, enfim as atividades domésticas, enquanto os homens podiam descansar. Esse trabalho entre a terra e a casa faz com que as mulheres, por vezes, trabalhem mais, mas sejam posteriormente excluídas da lógica da transmissão do patrimônio.

Ainda sobre a compreensão das regras de transmissão do patrimônio familiar, em particular a terra, entre agricultores familiares, levando-se em conta as diferenças entre os gêneros, exige-se que se reconheçam os distintos papéis reservados a homens e mulheres na dinâmica de reprodução social. Outra questão abordada é que deve ser levado em conta o contexto histórico, econômico, simbólico na hora de transmitir o patrimônio. A transmissão dos direitos sobre a propriedade familiar de uma geração a outra é objeto de múltiplas estratégias, que variam de acordo com as condições de cada família, ou seja, com os instrumentos de negociação ou de compensação disponíveis, derivados tanto da sua história específica como da sua inserção na economia e na sociedade. É apontado para uma diferença entre gêneros na partilha do patrimônio. Às mulheres restavam, portanto, três opções: o casamento, o ingresso na vida religiosa ou o celibato civil. Ao casar, a mulher ingressava na família do marido; obedecendo à regra de residência, ela ia residir com os sogros no caso de se casar com o sucessor e se submetia à autoridade desses até o fim das suas vidas. As demais instalavam-se inicialmente também na casa dos sogros até que os seus maridos recebessem o seu lote de terra e construíssem nele a casa para a nova família. O casamento implicava, assim, a extinção dos direitos das mulheres à terra e a sua reclusão ao espaço doméstico. A esposa é triplamente excluída da herança da terra na região colonial alemã e italiana. Inicialmente, porque ela não é descendente do proprietário (o marido); depois, porque o seu trabalho na lavoura familiar era visto como “ajuda” inerente ao desempenho do seu papel de esposa e, finalmente, porque ela não era tida como capacitada socialmente para exercer o papel de chefe da unidade produtiva (CARNEIRO, 2001).

Como em um exemplo de Sítio Alto:

Aqui, quando faleceu o sogro, eles quiseram dividir a herança, daí o marido disse: “vamos dividir tudo até que tá todo mundo no seu pedaço”, daí os filho homem falaram “bom, a irmã como é mulher vamo comprar outro pedaço e vamo dar pra ela”, aí o marido disse: “não, eu divido a minha parte com ela, mas ela tem direito que nem nós”, e os outros dois a tinham a mentalidade antiga né, de que mulher poderia ganhar outro pedaço e deu, eles pensavam porque traziam essa herança né (...) aqui que nem o pai do sogro não deu nada pras mulher, se pra uma sobrou um vestido né, então o que pode ser (Informante da comunidade do Sítio Alto, 53 anos).

Assim, Firth (1971) também faz uma reflexão sobre o papel da mulher no que tange à herança. No geral, as mulheres são isentas do direito a

terras. Posso dizer que isso é presente nas comunidades estudadas de Faxinal do Soturno. Em relatos, as camponesas de mais idade alegaram que não tiveram direito a usufruir a terra, pois a mesma era destinada a seus irmãos. O que restava a essas mulheres era o casamento ou entrar na vida religiosa, pois, dessa forma, poderiam ter o direito ao estudo.

Dessa forma, ainda merecem destaque alguns pontos sobre a sucessão de terras entre imigrantes italianos residentes na região central do Rio Grande do Sul. O que se pôde visualizar foram vários tipos de rearranjos de sucessão. A primeira forma é quando há poucos filhos e esses, em sua maioria, são mulheres; sendo assim, a terra fica nas mãos do filho homem ou da mulher cujo marido seja considerado um agricultor “bom” ou “forte”. As filhas deserdadas recebem então uma ajuda financeira pela “venda simbólica”. No segundo caso, quando há apenas uma filha mulher, ocorre a união da terra dessa com a de seu marido, e eles residem ou na terra dele ou na terra dela, onde deverão cuidar de seus pais. Terceiro caso é quando há somente um filho homem e esse decide ou não permanecer na terra. Quando decide ir para a cidade, o que se sabe é que, quando os pais falecerem, o mesmo irá se desfazer da propriedade. Na quarta situação apontada, é quando há um filho e uma filha. O quinto caso é quando há muitos irmãos e todos querem ficar com algum pedaço da terra; então o que ocorre é a subdivisão da propriedade, a qual pode acabar como local de residência, mas não de produção em larga escala. No sexto caso citado, ocorre quando há apenas filhas mulheres; dessa forma, o que pode ocorrer é que a terra fique com aquela que se comprometer em auxiliar os pais na velhice. E no último caso citado, é quando há apenas filhos homens; assim, os pais deixam a decisão a critério dos filhos: residir na cidade ou continuar no campo (ZANINI, 2008).

Um desses exemplos podemos verificar na seguinte fala:

Aqui vai ser dividido tudo igual, é uma vez as mulheres só ganhavam o enxoval, eu ganhei, mas depois me roubaram, quando meu pai faleceu me tiraram a terra, fizeram uma tramóia lá, o falecido meu pai fez um testamento em vida e não me deixou nada, isso foi ele que não quis deixar, hoje já mudou, é mais justo porque a mulher das vez trabalha mais que o homem, as mulher de hoje elas faz em casa fica meio por cima das vez em casa pra ir na lavoura ajudar o marido ou os filho sei lá (Informante da comunidade do Sitio Alto, 70 anos).

Aqui o que se pode notar é uma mudança, pois essa senhora não ganhou herança, ficando essa somente para seus irmãos. Essa fala coincide

com um dos apontamentos no qual Zanini (2008) se referiu nesse sentido quando se tem a opção de deixar a propriedade na mão dos homens, enquanto as mulheres não receberam terras.

Hoje essa senhora pensa ser coerente dividir as terras em partes iguais com seus quatro filhos (dois homens e duas mulheres). Essa atitude se torna significativa pelo fato de ela dar um tratamento igual aos filhos. Ao contrário do que ocorreu quando a mesma senhora não recebeu herança por parte de seu pai. Em conversa com minha informante–colaboradora de Novo Treviso, quando indaguei a respeito de sua herança, a mesma disse que já foram divididas as partes de forma igual, apesar de seu pai e sua mãe ainda estarem vivos. Essa forma de dividir ainda em vida, na maioria das vezes, é usada para evitar eventuais brigas entre os irmãos após o falecimento dos pais. O que se sabe, ouvindo algumas histórias, é que ocorrem brigas pela disputa da herança e, com isso, o desfacelamento de algumas famílias.

Considerações finais

Este artigo teve como objetivo apresentar algumas reflexões sobre uma pesquisa realizada entre mulheres camponesas descendentes de imigrantes italianos. Identifiquei esses descendentes como um grupo étnico apresentando especificidades próprias que os identificam. Alguns dos traços que caracterizam esse grupo são a família e a busca por sua constituição e união, o trabalho árduo como forma de ascensão social e valor e a catolicidade.

Além dessas características apresentadas, o artigo teve a intenção de propiciar uma reflexão sobre sucessão, herança, casamento, esses valiosos para esse grupo, pois são estratégias usadas para a reprodução social da propriedade. Assim, através das falas de algumas informantes foi possível observar que a mulher, de forma geral, era (e em alguns casos ainda é) renegada quanto à divisão da herança. Cabia então às mulheres um enxoval, a oportunidade de ingressar em um convento como forma de acesso ao estudo; as que casavam podiam não receber as terras, pois seu marido tendo uma parcela de terra ficava subentendido que também pertencia à esposa. As mulheres que recebiam as terras, por vezes, doavam ou vendiam as mesmas por um valor “simbólico” a seus irmãos.

Essa temática a respeito da sucessão e divisão da propriedade sempre foi um assunto crucial para a reprodução do campesinato, pois sempre houve uma preocupação de evitar ao máximo a sua divisão. Os rearranjos sobre a propriedade também vão depender do tamanho da propriedade (em especial da pequena propriedade) e de sua rentabilidade.

Dessa forma, contemporaneamente, observei que essas mulheres possuem consciência desses “arranjos” familiares, havendo uma reivindicação quanto às heranças. Somente dando voz a esses sujeitos sociais é que se conseguirá compreender essas estratégias criadas pelos grupos, tendo como objetivo a sua reprodução para além das gerações.

Referências

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. Companhia das Letras, 2008.
- BARTH, Frederik. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: LASK, Tomke. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. *Profissão de sociólogo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- CARNEIRO, Maria José. Herança e gênero entre agricultores familiares. *Estudos feministas*. Vol. 9, Nº 1, 2001.
- CARNEIRO, Maria José. *Acesso à terra e condições sociais de gênero: reflexões a partir da realidade brasileira*. 2006.
- COHEN, A. *Urban Ethnicity*. London: Tavistock Publications, 1974.
- FAVARO, Cleci Eulália. Mulher, sinônimo de trabalho: papéis sociais, imaginário e identidade feminina na Região Colonial italiana do Rio Grande do Sul. *Estudos Iberoamericanos*. Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 211-229, 1996.
- FIRTH, Raymond. *Elementos de Organização social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.
- GEERTZ, Clifford. Uma Descrição Densa: Por uma teoria Interpretativa da Cultura. In: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1978.
- MALINOWSKI, Bronislaw. Introdução: o assunto, o método e o objetivo desta investigação. In: *Os Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. *Revista de Antropologia*. São Paulo: USP, 1996, v. 39, n 1.
- PAULILO, Maria Ignez Silveira. *Produtor e agroindústria: consensos e dissenso – o caso de Santa Catarina*. Florianópolis: Editora UFSC, 1990.

SEYFERTH, Giralda. *Imigração e cultura no Brasil*. Editora UNB, 1990.

SEYFERTH, Giralda. Identidade Camponesa e Identidade Étnica (Um estudo de caso). *Anuário Antropológico* 91, 1993.

SEYFERTH, Giralda. *Etnicidade, política e ascensão social: um exemplo Teuto – Brasileiro*. MANA 5 (2): 61-88. 1999.

SEYFERTH, Giralda. *Memória Coletiva, identidade e colonização: representações da diferença cultural no sul do Brasil*. XIV Congresso Brasileiro de Sociologia. Rio de Janeiro, UFRJ. 2009.

SIMONETTI, Fernanda. *Um estudo antropológico entre mulheres descendentes de imigrantes italianos no município de Faxinal do Soturno*. Trabalho final de graduação/ Curso de Ciências Sociais. UFSM, 2004.

SIMONETTI, Fernanda. “*Mamma mia*”: a compreensão do saber fazer cotidiano e a resignificação dos papéis entre mulheres camponesas. Programa de Pós- Graduação em Ciências Sociais – dissertação. UFSM, 2011.

SPONCHIADO, Luiz. A anágrafe de Nova Palma e os núcleos da ex-colônia Silveira Martins. In: DE BONI, Luis A. (Org.). *A presença italiana no Brasil*. Volume III. EST/FONDAZIONE GIOVANNI AGNELI. Porto Alegre, 1996.

SPONCHIADO, Breno Antônio. *Imigração & 4º Colônia: Nova Palma e Pe. Luizinho*. Santa Maria: UFSM, 1996.

STROPASOLAS, Valmir Luiz. *O valor (do) casamento na agricultura familiar*. Estudos feministas, Florianópolis, 12(1): 360. Janeiro-abril/2004.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. *Italianidade no Brasil Meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS*. Santa Maria: Editora UFSM, 2006.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. Nós e as “antigas”: italianidade, gênero e família. In: ZANINI, Maria Catarina Chitolina (Org.). *Ensaio em Antropologia*. Santa Maria: FACOS/UFSM, 2007. p. 8-15.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. *Reflexões sobre o colono italiano na região central do Rio Grande do Sul: breves problematizações antropológicas*. 2008.

WEBER, Max. *Economia e sociedade*. vol. 1. Brasília: UNB, 1991.

WOORTMANN, Ellen F.; WOORTMANN, Klass. *O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

Etnografando feiras livres em praças de Santa Maria-RS: as feiras ecológicas da Praça Saturnino de Brito e da Praça Saldanha Marinho

*Fabiane Dalla Nora¹
Maria Rita Py Dutra²*

1. Introdução

O presente artigo é uma etnografia de duas feiras livres que ocorrem em Santa Maria, cidade situada na região central do Rio Grande do Sul. As feiras ocorrem em duas praças localizadas no centro da cidade: a Feira Ecológica³ da Praça Saturnino de Brito e a Feira da Praça Saldanha Marinho. Temos por objetivo analisar a organização e a dinâmica das feiras evidenciando as relações estabelecidas entre feirantes e fregueses. A discussão abordada integra o projeto “Na Feira: Produção, Distribuição e Consumo entre Agricultores Feirantes na Região Central do Rio Grande do Sul”, que tem por objetivo conhecer e estudar o trabalho camponês feminino nas feiras urbanas da região central do estado, suas vinculações com o mercado e as complexidades que envolvem o mundo camponês que se desloca para trabalhar na cidade. As autoras participam da pesquisa na condição de pesquisadora e bolsista de iniciação científica vinculada ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

¹ Acadêmica do 7º semestre do curso de Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

² Graduada em Pedagogia Licenciatura Plena pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Especialista em Supervisão Escolar pela Faculdade Porto-Alegrense (FAPA). Mestre em Ciências Sociais pela Universidade de Santa Maria (UFSM).

³ A feira localizada na Praça Saturnino de Brito oferece alimentos cultivados sem a aplicação de pesticidas, herbicidas ou fungicidas químicos, sendo caracterizada como feira ecológica.

O trabalho está subdividido em três partes: na primeira, revemos alguns pressupostos acerca do método etnográfico utilizado na elaboração da pesquisa; na segunda, analisamos a dinâmica organizacional das feiras da Praça Saturnino de Brito e da Praça Saldanha Marinho com descrição do ambiente e localização. Por fim, tecemos algumas considerações acerca das relações de troca concebidas entre feirantes e fregueses das feiras.

2. Pensando o método etnográfico

Apesar de os feirantes afirmarem que o pagamento com *cartão de crédito* realizado em supermercados está acabando com as feiras, semanalmente ocorrem no município mais de quinze feiras, em diversos locais, do centro da cidade aos mais distantes bairros. A pesquisa “Na Feira: Produção, Distribuição e Consumo entre Agricultores Feirantes na Região Central do Rio Grande do Sul” tem cunho etnográfico, oportunizando aos pesquisadores o emprego da observação participante, conversas informais e entrevistas. Entre as feiras mapeadas atualmente na cidade de Santa Maria-RS, foram selecionadas para este artigo duas, ambas localizadas em praças: a da “Praça Saturnino de Brito”, que ocorre toda terça-feira pela manhã, denominada por seus frequentadores de “feirinha”, e a da “Praça Saldanha Marinho”, que acontece às sextas-feiras, também na parte da manhã. As feiras acontecem em locais fixos, sendo montadas e desmontadas nos dias previstos; estão vinculadas à Secretaria de Desenvolvimento Rural do município, onde há um funcionário responsável pelo registro dos feirantes e por fixar locais e horários das mesmas.

A etnografia é um método específico da pesquisa antropológica, sendo esse composto de técnicas e procedimento de coletas de dados associados a uma prática de trabalho de campo, a partir da convivência por um período prolongado de tempo do pesquisador junto ao grupo social a ser estudado, elucidam Rocha e Eckert (2008). O “nativo”, “informante” ou “colaborador” tornam-se sujeitos de nossos estudos, não como indivíduos separados de seus contextos e condições de vida, mas a forma como se relacionam, se comportam, se comunicam são tomadas como acontecimentos de extrema relevância para a pesquisa.

Ao refletir acerca do fazer etnográfico, recorreremos às ponderações de Geertz (1989) ao destacar que a etnografia busca uma descrição densa

que descreve, aprofunda e explora todas as probabilidades interpretativas do seu campo e do seu objeto, ou seja, busca compreender as estruturas de significados circulantes nesse espaço urbano:

(...) a etnografia é uma descrição densa. O que o etnógrafo enfrenta de fato – a não ser quando (como deve fazer naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coletar dados – é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas uma às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplicitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro aprender e depois apresentar. E isso é verdade em todos os níveis de atividade do seu trabalho de campo, mesmo os mais rotineiros: entrevistar os informantes, observar rituais, deduzir os termos de parentesco, traçar as linhas de propriedade, fazer o censo doméstico... Escrever seu diário. Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de construir uma leitura) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escritos não como sinais convencionais do som, mas como exemplos transitórios de comportamento modelado (GEERTZ, 1989, p. 07).

A observação participante, elemento fundamental do trabalho de campo, passa por três momentos na construção do saber antropológico: olhar, ouvir e escrever, como destaca Cardoso de Oliveira (1998). A importância de termos um olhar disciplinado, em que esse mesmo olhar não seja usado de forma independente no exercício da investigação, mas sim complementado pelo ouvir e escrever, vai configurar o produto final de todo o trabalho de campo.

Por meio da observação participante entramos em contato com os feirantes em seu ambiente de trabalho e, em alguns casos, nos contextos familiares, o que nos tem possibilitado uma maior compreensão de suas escolhas e práticas. É uma abordagem mais descritiva do que valorativa, enfatizando a relação entre os diversos elementos que a compõem, permitindo a interação entre pesquisador e entrevistado. Através do método qualitativo etnográfico podemos compreender o ambiente a ser estudado, o problema explicitado, além de permitir uma maior profundidade na análise do objeto em estudo. Dessa forma, ao lançarmos mão do método etnográfico, objetivamos descrever, compreender e interpretar como se estabelecem as interações peculiares de comércio que vão além da mera compra e venda de produtos, transpondo para relações de reciprocidade com troca de saberes e de vivências.

3. Dinâmica organizacional das feiras urbanas de Santa Maria – RS

3.1 A Feira da Praça Saturnino de Brito

Essa feira localiza-se na Praça Saturnino de Brito no centro da cidade de Santa Maria-RS, cercada por casas comerciais, e popularmente é conhecida como “Feirinha da Saturnino”. Existe há pouco mais de doze anos e acontece semanalmente, todas as terças-feiras, no período da manhã. Apesar de a feira localizar-se em um espaço amplo, os feirantes ocupam uma pequena parte desse espaço, conforme ilustra a Figura 1, uma vez que a mesma constitui-se somente de duas bancas, que comercializam uma variedade de produtos, predominando verduras, legumes, frutas, além de pães, bolachas, conservas e uma diversidade de temperos.

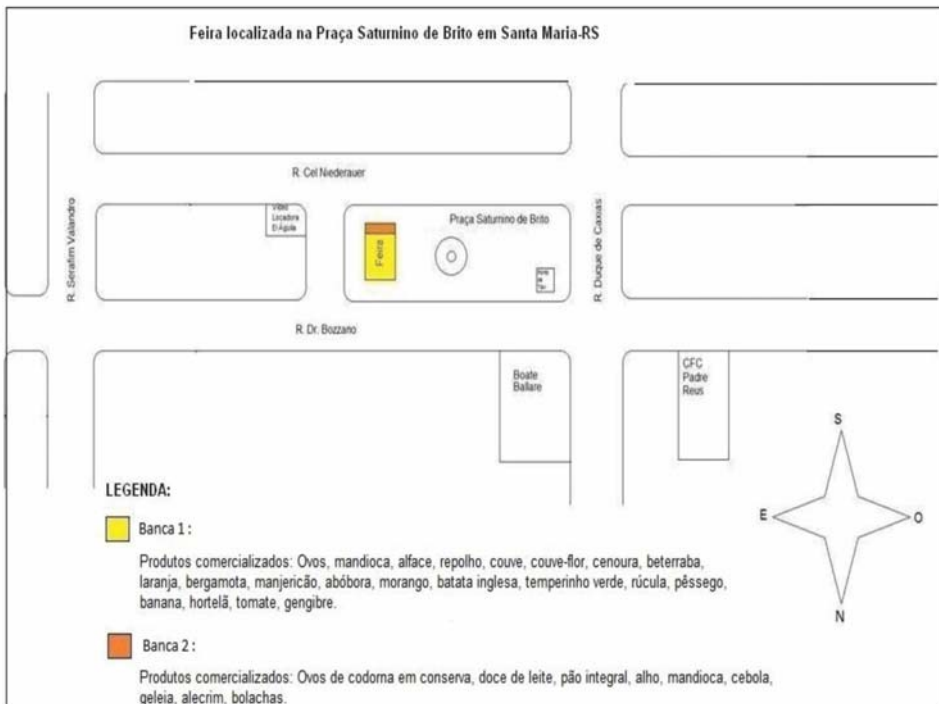


Figura 1: Feira Ecológica da Praça Saturnino de Brito. Fonte: Pesquisa de campo

Entre os feirantes, uma das bancas é composta por três feirantes homens e a outra é constituída por um casal. Na Feirinha da Saturnino, ainda prevalece a presença masculina, confirmando constatações de Garcia (1984, p. 13), ao afirmar ser a feira um espaço cuja frequência é predominantemente masculina, apesar de que o recenseamento de feirantes de 1989 já apontava para o aumento da participação feminina em feiras livres. Essa autora considera que a região do Nordeste brasileiro, no período analisado, era marcada por forte divisão sexual do trabalho, havendo observado, no entanto, uma estreita colaboração entre homem e mulher, mesmo quando o trabalho feminino era tido como ajuda (GARCIA, 1992, p. 85); mesmo assim, considera a participação das mulheres no mercado de trabalho bem menor.

Apesar de ser considerada uma feira pequena em extensão, a movimentação é grande principalmente nas primeiras horas da manhã, uma vez que o fluxo de pessoas é intenso nesse horário devido à localização da feira, pois muitos de seus frequentadores precisam passar por ali para iniciar a sua rotina diária, seja ela de trabalho, estudo ou até mesmo de esporte ou lazer. Alguns fregueses aproveitam para fazer suas compras enquanto caminham ou passeiam com seus animais de estimação. Além disso, a maior parte faz compras antes de ir trabalhar, retornando para pegá-las ao término de seus expedientes. Como registramos no diário de campo do dia 22.10.2013:

Eram aproximadamente quase oito horas da manhã e na feira há presença de um senhor de terno e gravata e uma senhora de uniforme branco que fazem as suas compras antes de começar seus expedientes de trabalho. O senhor leva as compras consigo, ao contrário da senhora que as deixa para pegar depois, exceto as compras que eram para sua colega de trabalho.

Entre as características marcantes da “Feirinha da Saturnino” está a comercialização de produtos orgânicos, em que são oferecidos produtos provenientes diretamente da área rural, cultivados pelos feirantes, sem a aplicação de pesticidas, herbicidas ou fungicidas químicos, ou seja, sem o uso de agrotóxicos. Esse fato faz com que a feira seja bastante frequentada pela população santa-mariense, uma vez que a preocupação e a busca por uma melhor qualidade de vida estão cada vez maiores entre os consumidores, podendo ser percebidos nas falas dos fregueses ao perguntarem se os produtos são sem veneno e são de produção própria. Nos espaços da feira não se observam as figuras dos “intermediários” ou “atravessadores”, ao contrário do que observou Garcia (1984, p. 6) nas feiras do brejo e do agreste paraibano, onde apenas uma pequena parte dos vendedores era formada por pequenos produto-

res ofertando seus produtos. Ao dialogar com Redfield (1960), Garcia (1984, p. 8) salienta que, ao assumir a categoria de intermediário, isto é, comprar para revender, o camponês perde sua identidade social, pois mundo camponês e mundo do mercado são campos que “nada têm a ver entre si”.

Ressaltamos aqui outra característica dessa feira: uma freguesia extremamente fiel, estabelecendo-se uma relação de confiança e comprometimento entre fregueses e feirantes, como se percebe no seguinte diálogo: “A senhora da loja pediu para o senhor guardar uns limões para ela, que depois ela vem buscar” e o feirante responde: “Tá guardado”. Ou em outra ocasião quando o feirante chega atrasado e justifica-se: “Esqueci que hoje era terça-feira e tinha que vir na feira”. Observamos que, entre os fregueses, semanalmente um número considerável volta às compras.

3.2 A Feira da Praça Saldanha Marinho

Também chamada de “Feira dos Produtores”, essa feira situa-se na praça principal da cidade de Santa Maria-RS; inicia na rua Ângelo Uglione, próximo à Lancheria Big Lucão, estendendo-se até a rua Roque Callage, proximidade da Casa de Cultura, ocupando uma curva, com cerca de 80 metros, e constituída por treze bancas, conforme ilustra a Figura 2.

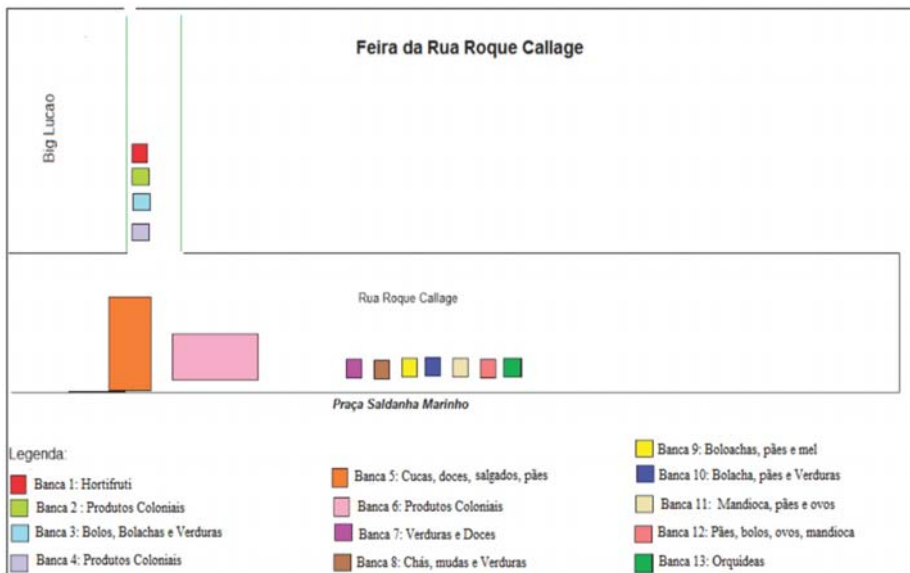


Figura 2: Feira da Praça Saldanha Marinho. Fonte: Pesquisa de campo

Dona Zanza⁴ é a coordenadora da feira e feirante há mais de 30 anos. Essa feira iniciou em 16/10/1984 – Dia Internacional da Alimentação, com um grupo de mulheres do Sindicato de Trabalhadores Rurais. O sindicato formava “Grupos Organizados do Lar”, em que oferecia para as trabalhadoras rurais, em suas comunidades, cursos de salgados, crochê, bordado, costura, como uma forma alternativa de garantir a essas mulheres uma renda. Na época, o grande problema era a evasão da mulher do meio rural em virtude da falta de recursos, “sendo premente a necessidade de se fazer alguma coisa para que essa trabalhadora permanecesse no meio rural, numa tentativa de reverter essa situação”, conta Dona Zanza.

O Sindicato de Trabalhadores Rurais conseguiu que a EMATER (Associação Rio-Grandense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural) oferecesse alguns cursos. Na época, a extensionista da Emater era a senhora L, que sugeriu a criação de uma feirinha de mulheres para vender aquilo que sobrava em casa, como alface, cebola, repolho, etc., com a condição de não ter vínculo com o comércio formal. As reuniões aconteciam mensalmente no sindicato, havendo regras severas, as quais eram cumpridas, como por exemplo: quem faltasse a três feiras perdia o direito de comercializar, entretanto se alguém estivesse impedida de comparecer por um motivo justificado, poderia enviar um familiar para substituí-la naquele dia. As comunidades com maior representação eram São José da Porteirinha, São Martinho da Serra e Santa Flora⁵. A feira era destinada a mulheres, cabendo a seus esposos o papel de apoio, como auxiliares para carregar caixas, por exemplo. À medida que o trabalho se consolidava, as feirantes sentiram a necessidade da presença da figura masculina, mas as bancas são de propriedade das mulheres. “Nos organizamos em grupos por comunidade. Começamos na esquina do Banrisul, depois, com receio de atrapalhar a passagem de pessoas, passamos para baixo da seringueira”, conta Dona Zanza e continua:

Aquela que vinha tinha o compromisso de vender os produtos das colegas e prestar contas ao voltar. A periodicidade era uma vez por mês, nas sextas-feiras, com uma representante de cada comunidade. Com o passar do tem-

⁴ A fim de preservar o anonimato das depoentes adotamos nomes fictícios.

⁵ Na época, essas localidades eram distritos de Santa Maria; atualmente, São José da Porteirinha pertence ao município de Dilermando de Aguiar; São Martinho da Serra e Santa Flora estão emancipados.

po, ficou a cada 15 dias; à medida que a mulherada começou a trabalhar e ver dinheiro surgiu a ideia da feira passar a ser semanal, até porque alguns produtos, como o queijo, novinho, tem um sabor, quinze dias depois, perde o gostinho original, fica velho. Começamos a avaliar como estava se dando as vendas, trazíamos somente produtos da horta, começamos a nos questionar: “Por que não doces?” A prefeitura emprestou o açúcar que depois pagamos. Da primeira vez, fiz 80 rapaduras. Numa passada, vendi tudo. Comecei a fazer 800 rapaduras e vendia todas (Dona Zanza).

Com o passar do tempo, após quatro ou cinco anos de feira, houve uma seleção natural, a dinâmica das feiras mudou e as produtoras passaram a vir comercializar seus produtos. Ao evocar lembranças do início do trabalho na praça, assim narra Dona Zanza:

Após esse período mudou a extensionista da EMATER, veio a M, tínhamos uma tabela de preços, vendíamos 20% abaixo do comércio. Na época do Prefeito Valdeci houve uma padronização das barracas, ganhamos as barracas e caixas de plástico. Houve uma época que fazíamos duas feiras por semana, isso durou 5 anos, era muito cansativo, não se vivia mais, era só feira. Na comunidade sempre tínhamos treinamentos. Eu mesma fui líder sindical por 8 anos, era um movimento intenso, as mulheres que estavam acostumadas a não ter um pila pra comprar um batom, um pó, com essa entrada da EMATER, a mulher podia até enfrentar o marido. Meu pai plantava arroz, mas nós tínhamos uma lavoura de cebola e eu fazia crochê como uma forma de termos alguma renda (Zanza).

A feira da Praça Saldanha Marinho tem características diferenciadas: predomina a presença feminina entre as feirantes, são sete bancas atendidas por mulheres, cujos maridos desempenham papel coadjuvante. Em seis bancas, encontramos homens atendendo; em duas dessas bancas, encontramos homens feirantes acompanhados de filhas, explicando eles que as “proprietárias das bancas” estavam em casa preparando os produtos. Algumas feirantes usavam um avental do PAF: *Programa de Abastecimento Familiar*. Os produtos oferecidos são mel, doces, pães, cucas, bolachas, compotas, conservas, linguiça, ovos, queijos, mandioca, verduras, feijão e orquídeas. O fato de essa feira contar com trabalhadoras rurais como proprietárias de bancas e no atendimento aos fregueses não garante que os papéis sociais reservados às mulheres em nossa sociedade estejam superados. Observamos que as feirantes permanecem no espaço interno das bancas, aguardando a aproximação do freguês, que geralmente chega perguntando se tem um ou outro produto e qual o seu preço, aos quais elas respondem educadamente e em voz baixa. Nesses espaços não há a concorrência mas-

culina, a pechincha ou o anúncio dos produtos em voz alta, momento em que cada feirante se esforça para ganhar o freguês; como constatou Garcia (1992, p. 95), nas feiras do Nordeste, em que as mulheres predominam nos setores considerados adequados à mulher, como no de produtos alimentares ou nos bancos de café e os homens se sentem desencorajados a competir com elas na hora do *regateio*, isto é, no momento de duelar verbalmente para provar a justeza do valor do produto ou então o seu valor do próprio contendor.

No dia 08 de março de 2013, chegamos à feira, às 8h, horário em que as pessoas estão se deslocando para seus locais de trabalho. Havia intensa movimentação, fregueses escolhiam os produtos e passavam à esquerda, formando uma espécie de fila para ir pagando. Apesar de seu esposo estar ali para ajudar, Dona Zanza deslocava-se “do caixa” para ajeitar o “balcão”, onde estavam expostas as bandejas, ou para atender algum freguês. Ela ia informando como foram organizadas as bandejas, algumas mistas com doces e salgados, outras somente com salgados, outras somente com doces. Seu esposo vendia “docinhos” por unidade, no valor de R\$ 0,50 (cinquenta centavos). Era uma loucura, ela não parava, não perdia tempo, e nós precisávamos falar com ela. Aí usamos da seguinte estratégia: adquirimos duas bandejas de empadas e pastéis no valor de R\$ 3,50 (três reais e cinquenta centavos) cada. Enquanto pagava, Juliana⁶ foi nos apresentando como pesquisadoras. Dona Zanza sorridente informou-nos que é feirante há mais de 30 anos, e seu esposo completou: “Ela já é patrimônio”. Enquanto isso, uma freguesa pedia uma bandeja de salgados, dizendo: “Eu quero uma que tem *panelinha* junto, são uma delícia”. Era Mara, moradora de um prédio ali próximo, na Venâncio Aires, que, ao ouvir que realizávamos uma pesquisa, já se interessou em saber em que pesquisa estávamos trabalhando, aproveitando para contar que há pouco concluíra o mestrado em Geomática. A banca de Dona Zanza fica bem na curva da Lancheria Big Lucão e oferece docinhos e salgadinhos, vendidos em bandejas no valor de R\$ 3,50 (três reais e cinquenta centavos) e R\$ 7,00 (sete reais); pastéis e enroladinhos vendidos a R\$ 1,00 (um real) a unidade, docinhos avulsos, a

⁶ Pesquisadora no Projeto Na Feira: Produção, Distribuição e Consumo entre Agricultores Feirantes na Região Central do Rio Grande do Sul.

R\$ 0,50 (cinquenta centavos) e doces avulsos de abóbora ou batata-doce, também a R\$ 0,50 (cinquenta centavos). Na extremidade oposta à banca, na rua Venâncio Aires, situa-se o curso Pré-Vestibular Riachuelo; durante o recreio, os alunos ficam na Praça Saldanha Marinho, sendo assíduos consumidores dos quitutes da banca de Dona Zanza. Talvez seja por isso que é preciso chegar antes das 10 horas para conseguir maior variedade de produtos. Dona Zanza conta também com o apoio do filho e da nora, que em períodos de muita encomenda permanecem atendendo na banca. São eles os responsáveis pela banca da Feira da Avenida Roraima, em Camobi. Muitas vezes, conforme a quantidade de encomendas, Dona Zanza fica em casa preparando os folhados, doces ou assados.

O filho de Dona Zanza informou que, no sábado, a lida começa desde a madrugada, assando em forno a lenha em média 400 frios por fornada. Nesse dia, ela tinha uma encomenda de 1.500 salgados para entregar às 14h. “A gente não para, e o tempo é escasso, pois, além de esperar esfriar, depois é preciso embalar os produtos”, concluiu ele.

Dandara é feirante moradora em Boca do Monte. Comercializa mel, doce de abóbora em calda, diversos tipos de compotas, doce de batata-doce, queijos e verduras. Ela produz o que vende, mas às vezes recorre a algum vizinho com verduras, se for necessário. Em nossos primeiros contatos, Dandara mostrava-se arredia, parecendo estar de mau humor; nesses dias, costumamos adquirir um ou outro produto. Foi num dia desses que adquirimos uma chimia de abóbora, perguntamos como ela preparava o doce de abóbora, se usava cal ou não. Ela foi explicando como fazia o doce, relatou que vai cal somente quando o doce é em fatias na chimia e em geleia não vai cal. À medida que a ouvíamos, entusiasmou-se e concluiu seu relato sorrindo. A partir daí estabelecemos um contato bem melhor com a feirante, passamos a levar vidros vazios para que utilizasse com seus produtos; havíamos vencido a barreira da desconfiança e solidificado uma relação de parceria entre pesquisadoras e feirante. Certo dia, ao chegar, encontramos Dandara conversando com um freguês, que comentava uma matéria veiculada no jornal “Diário de Santa Maria” sobre a “atleta da bocha”. Dandara então contou-nos que é atleta de bocha e que esteve competindo na Itália, Turquia, Peru, Chile, Argentina e Uruguai. Integra o time da cidade de Chapecó/SC e costuma treinar terças e quintas-feiras na cancha do Cruzei-

rinho⁷, localizado na rua Silva Jardim. Disputa pelo time de Chapecó há 12 anos e, para facilitar, tem uma cancha em casa. Também vai três a quatro vezes por ano a Chapecó em jogos importantes. No ano passado, disputou o campeonato mundial na Turquia, sendo que gastou 6 mil reais do seu próprio bolso por não ter apoio financeiro. Ficou impressionada com as belezas que viu, mostrando a foto do *Gran Bazar da Turquia*, que é todo em ouro. Ela integra a seleção de bocha de Santa Catarina e conta sorrindo que, durante o campeonato brasileiro, disputa contra o time do Rio Grande do Sul. Nesse dia, por trás da feirante Dandara, descobrimos a atleta da bocha.

4. As relações de troca: dádiva e reciprocidade nas feiras

O capitalismo trouxe o estreitamento das relações sociais e da lógica mercantil, tornando-as cada vez mais individualizadas. Contudo as feiras possuem uma forma diferenciada de comércio, se comparadas às redes capitalistas de mercado. Essa característica faz com que as feiras se tornem um cenário social, além de econômico, uma vez que propiciam diferentes formas de interações que vão além da lógica de consumo presente nas grandes redes capitalistas.

Para a presente discussão, são relevantes as teorias de Marcel Mauss (2003), que analisou a importância das formas de troca nas sociedades arcaicas, as quais não implicavam somente trocas materiais e que o valor das mercadorias não era superior ao valor simbólico, uma vez que a vida social não é somente a circulação de bens, mas também de pessoas, normas, palavras, festas. Dessa forma, observa-se que a importância não está nos bens que são trocados nas feiras, mas no ato de reciprocidade, num constante dar, receber e retribuir (MAUSS, 2003). Dessa forma, as relações de interações patrocinadas pelas feiras mais do que um compartilhamento de símbolos representam situações de trocas, sejam elas materiais ou simbólicas. Segundo Mauss:

As sociedades progrediram na medida em que elas mesmas, seus subgrupos e, enfim, seus indivíduos souberam estabilizar suas relações, dar, receber, enfim, retribuir. (...) Só então as pessoas souberam satisfazer interesses, e

⁷ Antiga Sociedade Recreativa Cruzeiro do Sul, clube ferroviário fundado em 1949.

finalmente, defendê-los sem precisar recorrer às armas. Foi assim que o clã, a tribo, os povos aprenderam — e é assim que, amanhã, em nosso mundo civilizado, as classes e as nações e também os indivíduos deverão saber se opor sem se sacrificar. Esse também é um dos segredos permanentes de sua sabedoria e de sua solidariedade (MAUSS, 2003, p. 313-314).

As feiras são entendidas como um espaço de interação entre feirantes e fregueses, uma vez que possuem um modo de comercialização com características particulares de interações, as quais permitem a aproximação e a troca de saberes entre a cidade e o meio rural, pois a feira está localizada no espaço urbano e os produtos oferecidos são produzidos pelos feirantes do meio rural.

O espaço da feira proporciona a troca de conhecimentos recíprocos dos trabalhadores feirantes e das suas experiências, fato esse que dificilmente poderia ocorrer se fossem utilizados outros canais de comercialização mais individualizados, uma vez que os produtos ali oferecidos são, em grande parte, produzidos pelos próprios camponeses que compõem a feira.

Ao observar as feiras, notamos a formação de várias redes de trocas e solidariedade, tanto internas como externas. Nas relações entre os próprios feirantes, foi possível notar a constante presença da solidariedade entre os mesmos, como a troca de favores, uma vez que, quando um deles precisava se ausentar, o outro feirante assumia a sua barraca vendendo seus produtos. Notamos também que, apesar dos feirantes comercializarem muitas vezes os mesmos produtos, isso não impede de manter relações de amizade entre si, como observado, não sendo notada alguma situação de competição, como registramos na data de 17/09/2013 quando ao perguntar sobre a presença de um dos feirantes: “Foi dar a volta dele, iria ver se cortava o cabelo também”.

O ato de solidariedade não acontece somente entre feirantes, mas com os demais atores que compõem esse espaço, pois a relação entre feirantes e fregueses é marcada pela confiança. No dia 03/09/2013, enquanto uma cliente escolhia a alface, um dos feirantes falou: “Quem pensa muito não casa”. Desse modo, percebemos que a grande maioria das pessoas, além de procurar as feiras para fazer suas compras, fazem dela um espaço de encontro, de diversão, de lazer. Notamos que, durante a venda, há trocas de saberes, notícias, histórias com feirantes ou com frequentadores da feira.

Nas feiras ocorre interação face a face com fregueses, ou seja, há uma maior intimidade ou proximidade entre freguês e feirante, uma relação de

camaradagem, de preocupação entre ambas as partes, construindo assim uma afinidade. A relação de cumplicidade foi observada, por exemplo, no dia 03/09/2013, quando o freguês perguntou ao feirante se estava gripado; outra situação também percebemos nas inúmeras vezes em que os fregueses deram ou devolveram caixinhas de ovos, vidros ou garrafas.

No espaço das feiras, um elemento importante responsável pela estimulação da sociabilidade é a conversa (SIMMEL, 1983). O diálogo que ocorre entre o freguês e o feirante na compra/venda de um determinado produto, os momentos de interação face a face também propiciam a sociabilidade, pois é através dela que os feirantes desenvolvem maior confiança nas relações de compra e venda, diferente de outros meios de comércio, marcados pelo individualismo e anonimato.

As relações das feirinhas da Saturnino e Saldanha Marinho, assim como outras feiras já estudadas, perpassam as trocas de bens materiais e penetram em esferas permeadas de solidariedade e reciprocidade, que envolvem amizade, confiança, camaradagem, jocosidade, etc., configurando-se um mercado de bens simbólicos (SILVA, 2011).

Considerações finais

Este artigo teve como objetivo apresentar algumas reflexões acerca do universo em que estão situadas as feiras urbanas localizadas em duas praças de Santa Maria- RS, juntamente com a lógica que está presente nas trocas que acontecem entre os feirantes e fregueses da “Feirinha da Saturnino” e da “Feira dos Produtores”.

As feiras, além de ser concebidas como um local de trabalho, sociabilidade e lazer, representam um espaço de troca de bens materiais e simbólicos e são de suma importância para a reprodução camponesa das famílias. Para a grande maioria dessas trabalhadoras rurais, a feira representa um espaço onde elas encontram uma nova possibilidade de obter sua própria renda, comercializando seus próprios produtos, garantindo assim uma melhor condição de vida.

Nos processos de produção, percebe-se o quanto toda a família se envolve: jovens, adultos e idosos, o que possibilita uma socialização de perdas e ganhos nessa forma produtiva.

Além disso, as feiras são compostas por uma rede de sociabilidades tecida por feirantes e fregueses que trocam produtos, saberes, fazeres, estratégias de compra e venda, jocosidades, enfim realizam a feira e constroem ao mesmo tempo sua história. Ressaltamos que as relações que se estabelecem no espaço das feiras, o econômico e o social se complementam e se ligam às histórias de vida dos personagens que compõem esse cenário.

Referências

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 13-37, 1998.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Etnografia: Saberes e Práticas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

FONSECA, Claudia. Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação. In: *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, n. 10, jan./fev./mar./abr., p. 58-78, 1999.

GARCIA, Marie France. *Feira e trabalhadores rurais: as feiras do brejo e do agreste paraibano*. Tese de doutorado Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional – UFRJ. Rio de Janeiro, 1984.

GARCIA, Marie France. O segundo sexo do comércio: camponesas e negócio no nordeste do Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, ano 7, n. 19, p. 84-102, jun. 1992.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1985.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

REDFIELD, R. *The little community and peasant society and culture*. The University of Chicago. Chicago e London, 1960.

SIMMEL, Georg. *Sociologia: estudos sobre as formas de socialização*. MORAES FILHO, Evaristo de (Org.). *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

SILVA, Tiago Luís Coelho Vaz. Etnografando mercados: trabalho, sociabilidade e lazer no Ver-o-Peso. *Somanlu*, ano 11, n. 1, jan./jun. 2011.

É dia de feira

Juliana Franchi da Silva¹
Rúbia Machado de Oliveira²

1. Introdução

A cidade de Santa Maria está localizada na região central do estado do RS. Com 262.368 habitantes (IBGE/2011), é considerada uma cidade de porte médio e possui uma grande população flutuante por ser conhecida como cidade universitária; além disso, sua economia baseia-se no setor de serviços e conta com algumas feiras urbanas que ofertam grande quantidade e variedade de produtos alimentícios de produção local.

A pesquisa em Ciências Sociais sobre o campesinato e a agricultura familiar distingue-se pelo olhar lançado sobre o objeto de estudo. O foco está, além da atividade agrícola, no entendimento de que é um ator econômico que se insere (ou deveria se inserir) nas regras de funcionamento dos mercados e ainda valoriza a família e suas relações com a natureza (WANDERLEY, 1995).

¹ Possui graduação em Filosofia – Licenciatura Plena (UFSM), graduação em Ciências Econômicas – Bacharelado (UFSM), graduação em Ciências Sociais (UFSM), graduação em Formação de Professores para Educação Profissional – PEG – Gestão e Negócios (UFSM), especialização em Pensamento Político Brasileiro (UFSM), especialização em História do Brasil (UFSM), mestrado em Integração Latino-americana – MILA (UFSM), mestrado em Ciências Sociais (UFSM). Possui experiência no Magistério Superior e no Pós-Médio, além de participar em projetos de pesquisa, monitorias e tutorias. Atualmente é professora da rede pública estadual de educação do RS vinculada ao Centro Tecnológico de cursos pós-médios da Escola Estadual Professora Maria Rocha. Cursa Pós-graduação em Gestão Pública (UFSM), Pesquisadora do NECON/UFSM e faz parte do projeto Na feira: produção, distribuição e consumo entre agricultoras feirantes na região central do RS, coordenado pela professora Maria Catarina Chitolina Zanini. Bolsista CNPq.

² Possui graduação em Ciências Sociais – Bacharelado (UFSM), especialização em História do Brasil (UFSM). Atualmente cursa o Mestrado em Ciências Sociais (UFSM) e faz parte do projeto Como os Cientistas Sociais se tornam professores?, coordenado pela professora Ceres Karam Brum. Bolsista CAPES.

Apesar de haver várias feiras espalhadas pela cidade, o presente trabalho tem por objetivo fazer algumas considerações sobre o olhar na feira urbana em Santa Maria/RS, isto é, uma breve etnografia³ na feira da rua Treze de Maio, em um sábado no período da manhã. Desse modo, buscar-se-á descrever acerca da localização da feira a relação entre feirantes e os clientes, os preços dos produtos que são comercializados na feira, observando assim a feira como um espaço de sociabilidade e de memória entre as pessoas que dela fazem parte.

2. O espaço da feira

A feira localizada na rua Treze de Maio funciona na parte da manhã, e o dia escolhido pelas pesquisadoras das Ciências Sociais para a observação foi um sábado do mês de outubro. A rua onde a feira se localiza é uma rua tranquila, com árvores ao redor das calçadas e faz parte de um bairro bem antigo da cidade, pois tem casas antigas e poucos prédios, próxima à Vila Belga, à Estação Ferroviária e à sede da antiga Cooperativa dos Empregados da Viação Férrea, espaço que teve seu auge ligado à ferrovia e que viveu seu declínio e processo de extinção da RFFSA (Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima) por meio da privatização em fins da década de 1990.

As pesquisadoras chegaram à feira no horário das 08h de uma manhã primaveril, ensolarada e tranquila. As árvores tinham a companhia dos pássaros, e algumas delas estavam carregadas com flores lindas e coloridas, que dão vida ao ambiente urbano. Não passavam muitos carros, ape-

³ De acordo com Eckert (2008), o método etnográfico encontra sua especificidade em ser desenvolvido no âmbito da disciplina antropológica, sendo composto de técnicas e de procedimentos de coletas de dados associados a uma prática do trabalho de campo a partir de uma convivência mais ou menos prolongada do(a) pesquisador(a) junto ao grupo social a ser estudado. A prática da pesquisa de campo etnográfica responde, pois, a uma demanda científica de produção de dados de conhecimento antropológico a partir de uma inter-relação entre o(a) pesquisador(a) e os sujeitos(s) pesquisados que interagem no contexto recorrendo primordialmente às técnicas de pesquisa da observação direta, de conversas informais e formais e entrevistas. Também, segundo Fonseca (2004), esse método é fundado na procura de alteridades, ou seja, na busca de outras maneiras de ver, ser e estar no mundo. Nesse tipo de pesquisa, o investigador procura entender o que está sendo dito por seus interlocutores, buscando apreender os significados das relações sociais. A autora assinala ainda que, na pesquisa etnográfica, são observadas as múltiplas linguagens presentes na situação de estudo, as práticas sociais e os princípios informais que referenciam a vida cotidiana, inscritos no fluxo de comportamentos.

nas os carros das pessoas que chegavam à feira para comprar algo. O único barulho era o burburinho da feira: conversas sobre vários assuntos, perguntas referentes a produtos e preços, risos sobre histórias ou piadas engraçadas. Não houve problemas para chegar na feira, pois uma dentre as pesquisadoras já estava familiarizada, por fazer etnografia no espaço. Então não foi difícil a interação. A maioria dos feirantes recebeu-as de modo simpático e atencioso.

Os feirantes tomam conta de duas ruas paralelas à avenida Rio Branco. Na avenida, apenas uma feirante tem sua banca instalada ao lado da calçada. Essa feira inicia na rua 13 de Maio, dobra à direita chegando na av. Rio Branco e continua na outra rua, isto é, a rua Dauth. Eles costumam chegar ao local entre 04h e 05h da manhã para montar suas bancas, e alguns colocam uma barraca por cima para se proteger das intempéries climáticas. No local encontra-se um número de 17 feirantes aproximadamente. Em sua maioria, as bancas constituem-se de homens. São pessoas mais velhas que trabalham na feira, os jovens que se encontram auxiliam a família; são bem poucos jovens. Afinal, os feirantes são pessoas que precisam garantir sua condição material de sobrevivência.

De acordo com Pierri e Valente (s.d.), as feiras livres persistem no tempo e são um recurso muito utilizado para o abastecimento de alimentos frescos, produtos especiais e produtos com identidade territorial. Também são espaços de socialização.

Segundo os feirantes, o local geralmente está sujo, e eles têm que varrer antes de se instalar. Muitos deles têm barracas bem organizadas, bonitas, caixotes coloridos, estilo ao que se tem no supermercado, e outros apenas colocam os produtos em cima de uma bancada. Mas nenhuma das bancas possui uma numeração que possa identificar cada feirante. Também é possível observar que alguns feirantes possuem carros modernos e mais de um automóvel (como caminhonetes, caminhão, kombi, saveiro, strada, etc.), já outros vão de carroça levar seus produtos para vender. Observa-se então que a maioria não produz os produtos que vende. Quanto àqueles que produzem, observa-se que o produto é inferior e há menos variedade.

Quanto ao atendimento, o que chama a atenção é que os feirantes não costumam interpelar os clientes oferecendo seus produtos. Não se ouviu qualquer forma de pregão com anúncios jocosos ou cantos, como em feiras livres de outras localidades. A sonoridade de feira livre encontrada por Ve-

dana (2004, p. 66) inexistente nessa feira. A interação ocorre naturalmente: o cliente chega na banca, olha o produto e pergunta o preço. Algumas vezes até “pechincha”, e sempre o feirante acaba se dobrando ao cliente. No que se refere aos consumidores, eles são variados no que diz respeito a idade, sexo e etnia. E surgem jovens, crianças que acompanham seus pais e pessoas idosas. Havia muitos consumidores comprando; inclusive observou-se que alguns passavam e paravam o carro em determinadas bancas e perguntavam ao feirante se o seu produto já havia chegado. Então o feirante pegava o produto, ia até o carro para entregar ao freguês. Outros, principalmente os jovens, olhavam, alguns compravam e outros só passavam. Também há clientes fiéis e outros não. Os fidedignos já se tornaram amigos e até confidentes dos feirantes e vice-versa.

No que se refere ao tratamento entre os vendedores e consumidores, isto é, os vendedores são os feirantes que chamam os consumidores pelo nome de freguês ou freguesa. Muitos se conhecem devido aos anos de feira, pois os consumidores chamam os feirantes pelos respectivos nomes e se tratam com amizade. Observa-se uma grande intimidade entre o cliente e o feirante; isso se percebe nas brincadeiras entre eles, por exemplo, ao rimar seus nomes: Adão – ladrão.

Ao passar por cada banca, pediu-se a autorização para tirar fotos de seus produtos. Eles permitiram sem problemas, alguns até apareceram nas fotos bem contentes, outros perguntaram se iria aparecer em algum jornal e queriam ter uma cópia. Conforme a conversa das pesquisadoras com os feirantes, pode-se dizer que, em sua grande maioria, os feirantes são “atravessadores”, e aqueles que produzem o que vendem têm seus produtos, aparentemente, com qualidade inferior. Também se escutam inúmeras reclamações em relação aos preços; entretanto eles não destoam tanto dos preços do mercado. Em conversa com uma feirante a respeito disso, ela relata sobre a falta de conhecimento dos clientes em relação às etapas do trabalho do feirante, às dificuldades que o mesmo enfrenta para produzir, cultivar, o trabalho de produção e até mesmos os atravessadores, que precisam tirar seu lucro.

Um outro comentário foi que os senhores de mais idade que frequentavam a feira, os clientes mais antigos, não estão mais querendo ir à feira devido à estrutura da rua, toda esburacada, o que torna a locomoção deles mais difícil. Para eles, há uma despreocupação da gestão pública em relação às melhorias de alguns bairros da cidade. E isso não é observado so-

mente pelos clientes, mas pelos próprios feirantes, pois não se observa a presença de políticas públicas contundentes para realizar o seu trabalho. Não dispõem de apoio do poder público municipal, e não é difícil notar que se sentem desamparados.

Quanto aos produtos, alguns feirantes trabalham com grande variedade, outros têm menos variedade. Apenas um dos feirantes disse plantar tudo o que vende na feira, mas, quando falta, ele compra de seus colegas. A maioria dos feirantes compra os produtos da CEASA (Central de Abastecimento do Estado do Rio Grande do Sul S/A) e também de outros fornecedores, como os próprios colegas da feira, vizinhos, produtores da região da Quarta Colônia e também da cidade de Lajeado/RS, onde tem um senhor que fornece os ovos.

Os produtos ofertados na feira são variados, como: verduras e frutas diversas, pães, bolachas, cucas, bebidas (cachaça, vinho), vassouras, lenha, mel, salames, morcilia/morcela, ovos, carne de porco, banha, carne de galinha, queijos, doces, flores, mudas de flores e mudas de verduras, chás de macela, entre outros produtos que podem ser observados nas imagens abaixo.



Imagem 01: Mudas de flores e verduras vendidas na feira. **Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora, 2013



Imagem 02: Produtos variados vendidos na feira. **Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora, 2013

Outro ponto interessante que coube observar foi a reclamação por parte de alguns fregueses em relação ao preço dos produtos. Algumas vezes, eles não compreendem a lógica do mercado e da produção.

No entanto, no ano de 2014, o Índice de Preços ao Consumidor Semanal (IPC-S) subiu com menos intensidade na terceira prévia de março, com variação de 0,83% ante 0,84%. O levantamento feito em sete capitais pelo Instituto Brasileiro de Economia (Ibre) da Fundação Getúlio Vargas (FGV) mostra, no entanto, que, embora tenha apresentado decréscimo, o grupo alimentação continua pressionando o orçamento doméstico e manteve-se com a maior taxa entre os oito grupos pesquisados, ao atingir 1,58% ante 1,59%.

Entre os itens alimentícios mais caros estão o tomate, com alta de 44,43% ante 42,56%; a batata inglesa, que subiu de 27,40% para 36,69%, e a alface encontrada a preços até 19,49% maiores ante 20,40%. Esses ingredientes provocaram uma elevação de 0,94% ante 0,86% nas refeições servi-

das em bares e restaurantes. Em compensação, caiu o ritmo de alta das frutas, cotadas na média em 1,84% ante 4,21%. A maçã, por exemplo, teve queda de 4,86% ante um recuo de 2,12% (IBRE, 2014).

Sabe-se que a cada mês e nova estação se têm as frutas, verduras e legumes típicos de sua época. Tudo o que nasce no momento da safra está mais fresco e mais barato, o que leva o consumidor a economizar e melhorar a qualidade da sua alimentação. A estação da colheita é dividida no período em safra, com os preços baixos e melhor qualidade dos produtos; período de início ou de final de safra, com alteração de preços; e período de entressafra, em que os preços ficam equilibrados devido ao aumento de demanda.

Sendo assim, a feira seguiu seu curso no resto da manhã, na qual as pesquisadoras lá permaneceram observando que, apesar de ser dia de feira, não significa que o mesmo é um dia comum para muitas pessoas que ali estavam. Mas sim um dia de socializar com outras pessoas, um dia de trazer suas memórias à tona.

3. A feira como ponto de sociabilidade e memória

Como já fora observado, a feira é um espaço para que os produtores locais possam vender seus produtos. Muitos desses produtos são considerados orgânicos, e isso atrai os clientes que querem uma vida mais saudável. Além disso, a feira dentro do espaço da cidade torna-se um local sociável, diferenciado das leis econômicas, pois permite que se desenvolvam outras relações que ultrapassam a frieza do mercado.

Observa-se que nesse local ocorre um processo de sociabilidade entre as pessoas. Tanto o feirante como o freguês denotam uma preocupação pelo outro. O rural e o urbano se confrontam. Como já foi mencionado, na feira há diferentes etnias, sexo e idades, e todos parecem pertencer a um mesmo círculo de indivíduos quando ali estão. Tem-se um círculo de interação e convívio social.

Segundo Simmel (1997), a metrópole faz um contraste profundo com a vida de cidade pequena e a vida rural no que se refere aos fundamentos sensoriais da vida psíquica. O autor refere-se às condições psicológicas que a metrópole cria. Com cada atravessar de rua, com o ritmo e a multiplicidade da vida econômica, ocupacional e social. A metrópole extrai do homem uma quantidade de consciência diferente da que a vida rural extrai, pois

nessa o ritmo de vida e do conjunto sensorial de imagens mentais flui mais lentamente, de modo mais habitual e mais uniforme, sendo que os relacionamentos são profundamente sentidos e emocionais. A cidade provoca uma intensificação dos estímulos nervosos. Desse modo, o homem rural é mais emocional e livre, sendo que o homem urbano é menos emocional e mais racional. Na cidade, tenta-se preservar a vida subjetiva, há uma necessidade de individualização.

Além disso, seguindo a explicação do autor, a metrópole moderna é provida quase que inteiramente pela produção para o mercado, isto é, para compradores inteiramente desconhecidos, que nunca entram pessoalmente no campo de visão propriamente dito do produtor. A economia do dinheiro desalojou a metrópole. No entanto, há uma autopreservação do indivíduo, que muitas vezes ocorre por meio de associações partidárias ou religiosas, movimentos livres, associações etc. Conforme Simmel (1997), há uma sociabilidade própria de círculos de indivíduos que pertencem a um mesmo mundo social, que se encontram e se reúnem.

Desse modo, o que é possível prever e levar em conta é a cidade como um mosaico e um conceito de vizinhança ao qual Eufrásio (1997) se refere. A cidade moderna divide-se num mosaico de pequenos mundos sociais e culturais, representados pelas vizinhanças de diversos tipos que se agregam em comunidades, de tipos peculiares que formam as áreas diferenciadas, que integram as zonas básicas da cidade, ou seja, a cidade como um laboratório social. E a vizinhança é fundamental para a compreensão de como se dá a sociabilidade básica na vida da cidade.

Também o que se observa é que o espaço dessa rua dentro da cidade em dia de feira torna-se aproveitado, e nele as pessoas interagem. E isso nos remete ao pensamento de Park (1979), que diz que, apesar da cidade ser física, possuir um plano organizacional, ela é muito mais do que isso, pois os mínimos espaços são aproveitados. As pessoas tornam os espaços diferenciados, e cada quadra, cada bairro adquire a personalidade de seus habitantes. Assim, o meio urbano permite novas humanidades sociais.

Entretanto, além da feira ser um espaço de trabalho para os feirantes, ela também é um local de comunicação e de memória, principalmente para aquelas pessoas mais idosas, solitárias e carentes de atenção. Por exemplo, há um feirante, bem idoso, que tem necessidade de conversar e, além disso,

surgiram consumidores com a mesma característica. Essas pessoas sentem necessidade de “papear”. E os assuntos são variados.

No entanto, o que chamou a atenção das pesquisadoras são as memórias das pessoas mais idosas, principalmente das mulheres, pois essas senhoras, à medida que vão chegando, encontram pessoas conhecidas ou até mesmo com os feirantes fazem referências às suas experiências passadas ou momentos históricos que passaram. A memória parece sempre um fenômeno individual ou próprio da pessoa; no entanto, Halbwachs (2004) apresenta-a como um fenômeno coletivo e social. A memória é um fato social, estruturado e mantido pelos grupos sociais que o indivíduo encontrou ou de que participou durante a vida. Cada indivíduo reconstrói as estruturas sociais em que ocorreu um evento ou se desenvolveu um processo. E como a reconstrução ocorre no presente, é afetada pelas estruturas sociais atuais.

Outro ponto interessante é a memória em relação às receitas, pois à medida que as freguesas vão perguntando aos feirantes sobre determinados produtos, elas sempre têm uma receita de alimentos para repassar. Sempre surgem receitas que foram de gerações passadas de suas famílias.

Conforme Amon e Menasche (2008), a relação que se estabelece aqui entre comida e memória está fundamentada na ideia de que comida tem uma dimensão comunicativa. Segundo a autora, essa perspectiva é explorada por autores na antropologia (LÉVI-STRAUSS, 1966, 1997; DOUGLAS, 1972) e semiologia (BARTHES, 1961, 1993), que partiram de uma analogia da comida com o sistema linguístico. Então, segundo as autoras, as narrativas de comida sedimentam e transformam a identidade, o sistema de pertencimento e as visões de mundo da comunidade.

Além disso, essas pessoas idosas que levam suas memórias para a feira carregam suas experiências, afinal já trabalharam e foram ativas. Como considera Bosi (2003), a memória, na velhice, é uma construção de pessoas agora envelhecidas que já trabalharam, é uma narrativa de homens e mulheres que já não são mais membros ativos da sociedade, mas que já foram. E eles têm uma nova função social, isto é, lembrar e contar para os mais jovens a sua história, de onde eles vieram, o que fizeram e aprenderam. Assim, na velhice, as pessoas tornam-se a memória da família, do grupo, da sociedade.

Considerações finais

Este artigo teve o propósito de ir a campo para observar o dia de feira em Santa Maria/RS, na rua 13 de Maio, e fazer considerações sobre a localização da feira, a relação entre feirantes e clientes, os preços dos produtos que são comercializados na feira, observando assim a feira como um espaço de sociabilidade e de memória.

No que cabe aos preços dos produtos, os mesmos não se distinguem dos preços em que são vendidos no mercado. Por isso há reclamações por parte de algumas pessoas que dizem deixar de ir ao supermercado para comprar na feira porque é mais barato. Além disso, também é interessante o tratamento entre essas pessoas na feira, pois o cliente na maioria das vezes é tratado por seu nome, diferente da frieza do supermercado.

A feira, apesar de ter seu espaço fixo, é um organismo vivo e um espaço de transformação e circulação constante de diferentes pessoas, acompanhando assim as contradições e os conflitos da sociedade.

Portanto, a partir da etnografia realizada na feira, pode-se verificar o quanto aquele espaço é importante, não somente para o grupo de trabalhadores que têm o local como fonte de renda para sua família, mas também para os clientes que vão à feira não somente para comprar. Para eles, a feira representa algo mais do que um dia de feira, é um espaço para fazer amizades, conversar, distrair-se, enfim, para se sociabilizar e contar suas memórias.

Referências

AMON, Denise; MENASCHE, Renata. Comida como narrativa da memória social. *Revista Sociedade e Cultura*, v. 11, n. 1, jan./jun. 2008.

BOSI, Ecléa. *Memória & sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: T.A. Editor, 1979.

EUFRÁSIO, Mário A. A temática da sociabilidade na escola sociológica de Chicago. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1997.

ECKERT, C.; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. "Etnografia: saberes e práticas". In: PINTO, Céli Regina Jardim; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos (Org.). *Ciências Humanas: pesquisas e método*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

FONSECA, Claudia. *Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. 2. ed. Porto Alegre: EdUFRGS, 2004.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA – IBRE. Disponível em: <<http://portalibre.fgv.br/>>. Acesso em: 14 jul. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 14 jun. 2014.

PARK, Robert E. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

PIERRI, Maria Clara Queiroz Mauricio; VALENTE, Ana Lucia E. F. *A feira livre como canal de comercialização de produtos da agricultura familiar*. S.d. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/15/234/pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2014.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1997.

VEDANA, Viviane. *Fazer a Feira: estudo etnográfico das artes de fazer de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da UFRGS, Porto Alegre, 2004.

WANDERLEY, M.N. B. A Agricultura Familiar no Brasil: um espaço em construção. *Reforma Agrária*, Campinas, v. 25, n. 2/3, p. 37-57, 1995.

A feira urbana de economia solidária de Santa Maria, RS, nos relatos de alguns participantes à revista de 20 anos do Feirão Colonial

*Silvana Silva de Oliveira¹
Maria Catarina C. Zanini²*

1. Introdução

Neste artigo, pretendemos contribuir com preliminares reflexões em torno da feira urbana de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Nesse sentido, optamos por uma análise da revista “Feirão Colonial – 20 anos”, publicada em 2012 por integrantes da coordenação da feira, a fim de compreender como esses significam o Feirão Colonial, isto é, como percebem a sua participação naquele espaço.³ Este exercício de reflexão possibilitará também uma percepção mais aprofundada acerca das relações que estão envolvidas na imagem difundida do Feirão Colonial.

A escolha de analisar uma revista ocorreu em função do fato de que esta apresenta uma imagem sobre o Feirão que os próprios coordenadores elaboraram. Além disso, esse tipo de representação é muito importante para entender um pouco mais sobre a feira. Assim, nos itens a seguir, primeira-

¹ Mestranda em Ciências Sociais na Universidade Federal de Santa Maria (RS). E-mail: silvanadeoliveira@gmail.com.

² Professora da Universidade Federal de Santa Maria (RS) com Pós-Doutorado em Antropologia pelo Museu Nacional (UFRJ).

³ Cabe esclarecer que esta feira urbana é tema da pesquisa de dissertação em andamento, a qual pretende observar como os produtores rurais feirantes dialogam com a lógica de mercado e como a tem acionado neste ambiente de feira.

⁴ Ressalta-se que esta pesquisa está sendo desenvolvida para a obtenção do título de mestre em Ciências Sociais pela UFSM.

mente buscaremos contar a história da feira urbana da economia solidária e, após, apresentaremos a pesquisa em andamento⁴ realizada na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). A retomada desta pesquisa é importante para uma melhor compreensão deste universo, sobre o qual queremos refletir por meio da revista impressa. Posteriormente, realizaremos uma descrição da revista, discorrendo sobre a maneira como foi organizada. Na sequência, traremos os relatos dos participantes, incluindo fregueses, grupos de feirantes, coordenadores e apoiadores, para, dessa forma, debatermos acerca das complexidades desse cenário social.

2. Que feira é essa?

Na cidade de Santa Maria, RS, em 1992, foi construído no bairro Medianeira, mais precisamente na rua Heitor Campos, ao lado do Parque Medianeira, um pavilhão em que passou a ser realizada uma feira, denominada pelos organizadores de *Feirão Colonial*. Essa passou a ser conhecida igualmente como *feira da irmã Lourdes*, a atual coordenadora e também idealizadora do projeto, e como *feira da economia solidária*, devido ao vínculo que estabeleceu com a economia solidária, entendida como uma busca por alternativas ao modelo capitalista pautada nas iniciativas de cooperação, autogestão e solidariedade. Tal vínculo levou ao recebimento de verbas federais que auxiliaram a ampliar o local, por meio da construção de mais três pavilhões. Atualmente, realizam-se, no espaço da feira, eventos anuais relacionados com a economia solidária, tais como o Encontro Nacional da Economia Solidária e a Feira do cooperativismo.

O Feirão Colonial faz parte do Projeto Esperança, o qual é vinculado ao Banco de Esperança da Arquidiocese de Santa Maria, RS. O Feirão faz parte, também da Cooesperança, uma cooperativa mista dos pequenos produtores rurais e urbanos, fundada em 29 de setembro de 1989, que trabalha em conjunto com o Projeto Esperança. O Projeto Esperança surgiu em 15 de agosto de 1987 depois de estudos realizados sobre o livro de Albert Tévoédjre, intitulado “A pobreza, riqueza dos povos: a transformação pela solidariedade”. Inspirado nesse livro, o Projeto Esperança busca

promover, incentivar, desencadear e construir o desenvolvimento urbano, rural e regional sustentável, com base nos princípios da solidariedade, cooperativismo alternativo, autogestão, para gerar trabalho e renda, median-

te processos educativos, participativos e transformadores, com o fortalecimento da agricultura familiar (...) (DAMBRÓSIO, L.; PAULI, R. I. P., 2009, s/p).

O número de associados ao Projeto Esperança/Coesperança no ano de 2008⁵ era de 4.500 famílias, oriundas de 30 municípios (municípios vizinhos de Santa Maria, como, por exemplo, Dona Francisca, Pinhal Grande e o distrito de Boca do Monte). Existe uma rede de comércio com pontos fixos de venda ligados ao Projeto Esperança/Coesperança, denominada de Teia Esperança, que consiste em mais de 40 espaços fixos de comercialização direta, sendo um deles, atualmente conhecido como Terminal de Comercialização de Economia Solidária Dom Ivo Lorscheiter, o local onde acontece o Feirão Colonial semanal aos sábados pela manhã.

No ano de 2012, a coordenação do Feirão Colonial produziu uma revista em comemoração aos seus 20 anos, intitulada “Feirão Colonial – 20 anos”. Nessa revista, é exposta a finalidade do Feirão: organizar os trabalhadores do campo e da cidade, buscando gerar trabalho e renda, bem como desenvolver projetos de solidariedade. O espaço físico do centro de economia solidária é assim distribuído: 1º Pavilhão – Agroindústria, 2º Pavilhão – Convivência e Lazer, 3º Pavilhão – Artesanato, 4º Pavilhão – Hortifruti-granjeiro e Plantas Ornamentais. O presente trabalho deter-se-á no 4º Pavilhão, construído há pouco tempo, em que são comercializados mandioca, leite, ovo, mel, queijo, torresmo, feijão, laranja, massa caseira, morango, entre outros.

3. Algumas questões sobre a pesquisa na feira

Esta pesquisa tem como objetivo analisar como os camponeses da região central do Rio Grande do Sul, que trabalham na feira urbana da economia solidária, vêm interagindo com as práticas de comércio e mercado e com os vários elementos vinculados ao trabalho desse grupo em dia de feira. Busca-se, assim, observar como os produtores rurais feirantes dialogam com a lógica de mercado e como a têm acionado. Para isso, será utili-

⁵ Dados retirados da monografia do curso de Licenciatura em Geografia, realizada por Keli Fabiana Keffer Lopes, intitulada “Economia Solidária: o caso dos agricultores e familiares associados à coesperança, Santa Maria, RS”.

zado como método a etnografia, tendo como referência Geertz (1989), Cardoso de Oliveira (1996) e Malinowski (1984).

No 4º pavilhão, acontece a comercialização diretamente entre produtores e consumidores, sendo estes atendidos por casais de agricultores⁶ enquanto tomam o seu chimarrão. Alguns filhos dos camponeses estão presentes e auxiliam no atendimento. Na feira, a parte da frente das bancas é rodeada de pessoas que circulam e experimentam produtos, trocam receitas e compram seus alimentos. Em alguns casos, o freguês é conhecido pelo nome e entra na parte interna da banca, onde deixa sacolas para que possa voltar a circular sem carregar muito peso.

Nesse sentido, a parte interna da banca pode ser entendida como um “pedaço”, isto é, um “espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade” (MAGNANI, 1996, p. 32). Tendo isso em vista, faz-se necessária uma análise que envolva a própria imagem difundida na revista “Feirão Colonial – 20 anos” para ter um entendimento mais aprofundado acerca das dinâmicas que envolvem esse lugar.

Dito isso, a utilização do termo camponês deve ser mais bem explicada devido à grande complexidade das questões que este conceito implica. Os estudos sobre campesinato abrangem uma enorme diversidade de formações históricas e regionais, representadas por várias definições, como colono, caipira, sitiante, lavrador etc. Nesse sentido, uma das definições possíveis é a do campesinato como um modo de vida ligado à terra, à família e ao trabalho; enfim, podemos falar na existência de um ethos camponês em que se perpetuam valores e visões de mundo, tendo como centralidade a família na organização do trabalho e a percepção da terra como um patrimônio (TEDESCO, 1999, WOORTMANN, 1990, SEYFERTH, 1999). Segundo Seyferth (1999), o camponês não deve ser visto somente pelo seu papel de produtor rural, mas também pelo viés de sua inserção no mercado

⁶ Cabe esclarecer que o uso do termo camponês abrange o agricultor familiar e o produtor rural.

mais amplo, dominando mais saberes, tais como o artesanato e o turismo. Na feira, o produtor rural, além de comercializar o que plantou em sua terra em conjunto com a família, vende produtos coloniais ou artesanais. A venda é realizada pela própria família em dia de feira. Trata-se de elementos com forte valor simbólico: família, trabalho e terra.

O trabalho em dia de feira desse grupo social (camponês), que ocorre aos sábados, estabelece práticas que reelaboram os significados do lugar (MAGNANI, 1996). As trocas sociais totais (MAUSS, 2003) e a reciprocidade (LEVI-STRAUSS, 1974) são fundamentais para a análise de formas de sociabilidade e de práticas de comércio e mercado que estão presentes no ambiente da feira. A partir desses conceitos, conseguimos observar os tipos de relação construída entre fregueses e feirantes. Dessa forma, podemos citar exemplos que incluem a fidelidade dos clientes, as trocas de receitas e as dicas de compra dos feirantes aceitas pelo freguês.

Já o conceito de mercado é compreendido como uma construção social, originada de um local de trocas não somente mercantis, mas também simbólicas (LABARON, 2012). Lebaron (2012) traz o conceito de “ordem simbólica mercantil”, explicando-o como “processos indissociavelmente sociais e cognitivos que permitem ao mercado existir tanto como referência mental quanto como espaço de ação para os agentes sociais, particularmente para os ‘profissionais’ da economia” (LEBARON, 2012, p. 06). Esse conceito de mercado abre espaço para analisar o valor simbólico existente na formação de preços na Feira da economia solidária. Além dos valores objetivos instituídos pelo sistema econômico, as relações construídas com o freguês e com o próprio produto a ser comercializado são elementos que permeiam aquele local. Pensar a feira como um lugar onde apenas se realizam compras devido ao baixo preço de alguns produtos inviabiliza a percepção de outros aspectos importantes, tais como o valor do alimento como uma troca simbólica e a própria feira como um produto a ser consumido.

Partindo dessas questões sobre o espaço da feira, percebemos a grande complexidade das dinâmicas envolvidas em seu entorno. Algumas delas são abordadas na primeira revista elaborada, em comemoração aos 20 anos de feira, pelos coordenadores do Feirão Colonial e do Projeto Esperança/Cooperança, sobre a qual discorreremos no item a seguir.

4. Descrição da revista e análises preliminares

A revista publicada em comemoração aos 20 anos do Feirão Colonial, elaborada pela Irmã Lurdez Dill, Carmen Possobon e Etelvina Santos, contém relatos e depoimentos dos grupos que participam como vendedores (feirantes), fregueses, apoiadores e parceiros da feira. Na tentativa de entendermos o contexto de elaboração dessa revista, é interessante expor uma breve descrição da maneira como foi organizada e dividida a apresentação dos textos.

Na primeira parte da revista, é exposto o depoimento de Dom Hélio Adelar Rubert, seguido por uma mensagem do atual prefeito do município, Cezar Shirmer. Na sequência, há um texto que contextualiza a história de 25 anos do Projeto Esperança e discorre sobre a ligação entre o Feirão Colonial e o Projeto. A história do Feirão passa, então, a ser contada na revista, como também as transformações que aconteceram no espaço físico do local e os desafios encontrados ao longo do tempo (incluindo as fiscalizações ocorridas no espaço e o cancelamento de um evento no Feirão em 2009).

Posteriormente, pessoas que, de alguma forma, envolveram-se com o Feirão Colonial e que já morreram, são homenageadas. Nesta parte, é narrada um pouco da história e da contribuição realizada ao Feirão Colonial de cada homenageado.

Após, é a vez dos depoimentos e relatos dos grupos de feirantes, das entidades apoiadoras e dos fregueses, que analisaremos mais adiante, bem como de pequenos textos discorrendo sobre o comércio justo, ético e solidário e sobre o consumo ético solidário e os seus princípios. Por fim, há um poema sobre a economia solidária e uma oração da solidariedade.

Ao todo são 71 depoimentos, alguns com fotos. Desses, 12 são apenas do grupo de produtores rurais. Os relatos, na grande maioria, são identificados como sendo da autoria de todo o grupo, o qual tem mais de uma família trabalhando junto. Esses depoimentos foram enviados à coordenação. Já quanto aos depoimentos dos fregueses, não existe uma explicação na revista sobre o modo como a coleta foi realizada. Porém, deduzimos que os clientes foram abordados na feira, pois há fotos dos consumidores na feira junto com seu relato. Depuseram como fregueses artistas, o ex-

prefeito Valdeci, a secretária municipal de assistencial social, participantes da equipe do projeto Esperança/Coesperança, entre outros.

Nos relatos, é descrita a profissão de alguns dos consumidores: professores na ativa ou aposentados, comerciantes, donas de casa, empresários, aposentados de outra profissão, bancários, engenheiros, agrônomos. Dentre as justificativas dos consumidores para ir à feira, são citados os produtos de qualidade comercializados no local, os preços baixos, o bom atendimento e o fato de a feira ser um lugar que proporciona prazer a quem lá se encontra. Nas palavras de alguns consumidores:

“O Feirão Colonial é muito importante para toda a cidade e região. Aqui tem produtos de qualidade, preços bons e ótimo atendimento (...). O diálogo e a amizade com as pessoas são muito importantes para todos” (professor, consumidor há 20 anos).

“O sábado, se não vir no Feirão Colonial, não é completo para nós. Viemos todos os sábados (...). Aqui é um lugar especial, onde as pessoas se encontram, conversam, trocam experiências, buscam orientações e adquirem produtos de boa qualidade, quantidade variada e por preços acessíveis” (Jô e Clei G. B., professoras aposentadas, consumidoras há 17 anos).

“Venho aqui todos os sábados. Se não viesse, sentiria falta” (Vivaldino, 96 anos, consumidor há 20 anos).

“Nossa família toda vem no feirão. É um **lazer** vir aqui” (Magnus, Luciana, Anieli e Lucas S., consumidores há 5 anos).

“O atendimento, o espaço físico e a amizade entre todos é algo (...) importante. Participo há 8 anos. Tenho uma fruteira em Itaara e comercializo toda a semana os produtos do Feirão Colonial, o excedente dos grupos. Os produtos são muito bem aceitos” (Vilmar L., comerciante, consumidor há 8 anos).

Uma análise possível de ser realizada, a partir desses relatos sobre o Feirão, é que o local se mostra um espaço de sociabilidades. A feira, nesse sentido, é também um espaço de atualização de memórias (HALBWACHS, 1990), em que os indivíduos oriundos do meio rural, mas que hoje residem na cidade, rememoram o seu passado naquele espaço: aos sábados pela manhã, alguns consumidores deparam-se com sabores, cheiros e sons de seus mundos de origem. Portanto, a feira não proporciona somente produtos materiais.

Já os grupos de feirantes descrevem a feira como um lugar de solidariedade e de fazer amigos e também como uma opção de comercialização direta e alternativa à cultura do fumo. Alguns grupos ressaltam:

“Conquistamos muitas amizades sinceras. Além das vendas, é mostrar ao próximo a aprender com ele. **É um dar e receber**” (José P. e Lessandra, grupo Juntos Venceremos – Jaguari-RS, participa há 15 anos).

“Há 13 anos, nosso grupo tem a alegria e a satisfação de produzir ecologicamente e comercializar diretamente seus produtos no Feirão Colonial. Mas o valor maior são a amizade, a alegria, a solidariedade e a troca de experiências entre consumidores e os grupos” (Batista e Marta R. – grupo AUPIC, participa há 13 anos).

“O Feirão Colonial é um lugar onde conheci muitas pessoas. Faz 11 anos que nosso grupo participa do Feirão Colonial. Temos muitos amigos e vimos no Feirão Colonial não só para comercializar, mas para conversar com amigos” (Antônio D. – grupo Assamag de Arroio Grande, participa há 11 anos).

“É uma alegria produzir alimentos saudáveis e comercializar diretamente aos consumidores, onde tiramos sustento para nossa família e trazemos alimentos a quem não produz” (Edemar S. – Associação São João Boca do Monte, participa há 10 anos).

A partir dessas falas, algumas reflexões são propícias neste momento. Podemos perceber que grande parte dos relatos dos grupos de feirantes enfatiza que participar da feira, além de ser uma alternativa de renda a mais para família, é um lugar em que se faz amizade, por meio de conversas com os fregueses e outros feirantes. Nesse sentido, Mauss (2003), ao falar de “regras da generosidade”, observa o quanto festas ou feiras serviam para trocas voluntárias-obrigatórias, já que sua “finalidade é antes de tudo moral, seu objetivo é produzir um sentimento de amizade entre as duas pessoas envolvidas, e, se a operação não tivesse esse efeito, faltaria tudo” (MAUSS, 2003, p.211). Assim, podemos pensar, com base em Mauss, que não é apenas a questão econômica que está em jogo nas feiras, mas também a criação de vínculos e relações de reciprocidades entre os participantes.

Considerações finais

Os relatos expostos na revista realizada em comemoração aos 20 anos do Feirão Colonial, intitulada “Feirão Colonial – 20 anos”, auxiliam a pensar sobre questões antropológicas mais amplas. Percebemos, com base nas descrições e análises efetuadas neste texto, que as relações construídas no espaço da feira vão além, simplesmente, de trocas meramente comerciais.

Os depoimentos enfatizam a feira como um local de solidariedade e amizade, isto é, um lugar em que se realizam sociabilidades e trocas simbólicas. A feira é vista como um espaço que propicia o ato de recordar as origens, o que pode explicar o prazer em ir ao Feirão, que é relatado pelos consumidores na revista.

Nesse sentido, analisamos como de extrema importância a pesquisa de dissertação em andamento, já que esta permite compreender mais detalhadamente as dinâmicas que ocorrem naquele espaço da feira.

Referências

- DAMBRÓSIO, L.; PAULI, R. I. P. Economia Solidária: o caso do programa “Projeto Esperança/COOESPERANÇA”. In: *Anais Congresso SOBRE*, Porto Alegre, 2009.
- DILL, Lourdes; POSSEBON, Carmen; SANTOS, Etelvina. *Feirão Colonial: 20 anos*. Santa Maria: Editora Pallotti, 2012.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- WOORTMANN, Klass. ‘Com parente não se neguceia’: o campesinato como ordem moral. *Anuário Antropológico/87*. Editora UNB, 1990.
- LEBARÓN, Frédéric. “A formação dos economistas e a ordem simbólica mercantil”. *Revista Espaço e Diálogo e Desconexão*. Araraquara, v. 4, n. 2, 2012.
- LEVI-STRAUSS, Claude. “Introdução”. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU, EDUSP, 1974.
- LOPES, Keli Fabiana Keffer. *Economia Solidária: o caso dos agricultores familiares associados à Cooesperança, Santa Maria, RS*. 2008. Trabalho de Graduação de Licenciatura em Geografia. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, J. G. C.; TORRES, L. de L. (Org.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Os pensadores).

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O Trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: *Revista Antropologia*. V. 39, n. 1. São Paulo: USP, 1996.

SEYFERTH, Giralda. *A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim*. 2. ed. Porto Alegre: Editora Movimento, 1999.

TEDESCO, João Carlos. *Terra, trabalho e família: racionalidade produtiva e ethos camponês*. Passo Fundo: EDIUPF, 1999.

O campesinato em questão: etnografando uma feira urbana de alimentos

Patrícia Rejane Froelich¹

Introdução

No final dos anos 1950 e começo dos anos 1970, a agricultura brasileira passou a ser foco de vários diagnósticos econômicos que requeriam a industrialização desse setor. Já em 1970, com a integração dos mercados, iniciaram-se o processo de globalização e o reordenamento das esferas de produção.

Para modernizar a agricultura, foi proposto um “pacote tecnológico” composto de crédito, assistência técnica e maquinário, arquitetado pelo grande capital e difundido pelos serviços de extensão rural. Nesse sentido, o Estado teve participação fundamental, uma vez que subsidiou financeiramente esse processo. Vale ressaltar que este também contribuiu para o surgimento de uma nova figura no espaço rural, principalmente no Rio Grande do Sul, *o colono*, que veio para o Brasil através de uma política de colonização criada no final do século XIX. Essa modernização criou disparidades regionais e aumentou a concentração fundiária. Foi uma modernização conservadora, que desenvolveu a agricultura parcialmente.

Nesse sentido, cunhada no passado histórico da estruturação fundiária, reflito sobre os processos de resistência camponesa, através de uma feira urbana situada na cidade de Santa Maria-RS – Brasil. Tal acompanhamento contínuo, proporcionado pelo método etnográfico, permitiu aprofundar, em parte, o olhar sob o rural contemporâneo.

¹ Estudante de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria. Contato: patyfroelich@gmail.com.

1. Contrastes do meio rural no Rio Grande do Sul

A modernização da agricultura foi mais intensa no Centro-Sul, mas foi parcial, pois se limitou a algumas regiões e produtos e ainda atingiu apenas algumas fases do ciclo produtivo (GRAZIANO DA SILVA, 1987). O processo de desenvolvimento acarretou a subordinação do camponês² ao capital monopolista, uma vez que esse dependia da compra de insumos e maquinários e tinha poucas possibilidades de escoar seus produtos.

A estrutura agrária do Rio Grande do Sul caracteriza-se, em suma, por comportar estancieiros e colonos, um contraste entre uma grande e uma pequena extensão de terra (PICCIN, 2012). Nesse cenário, o pequeno produtor é oprimido pelos sistemas de comercialização. O Estado historicamente tem faltado a seu papel de regulador de mercado, fornecendo à categoria apenas algumas políticas públicas generalistas e autoritárias.

Vale ressaltar que o meio rural é um espaço heterogêneo e engloba outros grupos, além dos supracitados. Nesse sentido, existem no campo diferentes “tipos” de trabalhadores³: assalariados, meeiros (aqueles desposuídos de terra, que são obrigados a trabalhar na terra de outrem, sendo que metade da produção gerada deve ser destinada ao dono da terra), integrados à agroindústria, autônomos (aquele trabalhador que detém todos os meios da produção, denominado camponês), entre outros.

Para além das divergências teóricas, compreendem-se camponês enquanto uma categoria nativa, e agricultor como categoria política, ambos referentes ao “pequeno” produtor⁴. Propõe-se que, neste estudo, ao englobar mais estritamente o Rio Grande do Sul, as reflexões sejam direcionadas para a pequena e a grande produção, além dos sem-terra. Considerando, dessa forma, os impactos sociais da modernização agrícola (MARTINE, 1987) e a decorrente emergência de novos desafios no campo.

² Por camponês entende-se (em conformidade com as assertivas do projeto de pesquisa referido na apresentação deste livro), de uma forma abreviada, aquele trabalhador da terra que se organiza por meio da mão de obra familiar, é proprietário de seu meio de produção (ou não), está numa situação subordinada frente ao Estado (MOURA, 1988), possui um *ethos* particular, voltado ao trabalho com a terra (WOORTMANN, 1995), entre outras especificidades.

³ Nesse ponto estou fazendo uma inflexão a nível nacional.

⁴ Há na literatura diversas “brigas” teóricas por denominada conceitualização, mas este artigo não se aprofundará nesse sentido. Essa questão fica em aberto para futuras apreciações.

O mundo rural é um espaço de vida (WANDERLEY, 2009), abrange muito além da produção econômica. Esse espaço engloba relações sociais, modos de fazer, táticas e estratégias de produção e negociação. Embora o camponês/agricultor familiar/pequeno produtor seja uma figura oprimida (MOURA, 1998), o campesinato tem agência.

A modernização da agricultura⁵ provocou um fluxo migratório para as cidades, conhecido como êxodo rural, que, por sua vez, gerou uma nova categoria: os *sem-terra*, que grosso modo são aqueles indivíduos expurgados do campo, mas que preservam o *ethos camponês*, e querem terra para cultivar. Terra essa que se concentrou nas mãos de latifundiários. Os pequenos produtores que resistiram ao processo de tecnificação do campo mantinham-se com mão de obra familiar e produzindo a maioria dos gêneros alimentícios para si.

Como nos lembra Woortmann (2002), a terra não é só mercadoria. Na racionalidade do colono/pequeno produtor, ela representa sinônimo de identidade, simboliza herança e sucessão. Na racionalidade dos grandes senhores e latifundiários, ela significa poder e status.

Criam-se formas de resistência no campo, como o fornecimento de atividades de lazer (turismo rural), feiras, movimentos sociais e grupos de produtores. Adiante faço um recorte sobre uma feira urbana da cidade de Santa Maria-RS, demonstrando a relevância desse evento para a categoria campesina.

2. Os impactos do desenvolvimento para a agricultura familiar e o meio ambiente

O conceito de desenvolvimento passou por diversas definições e fora repensado a partir do emprego da palavra *subdesenvolvimento* pelo presidente Truman dos EUA em 1949 (ESTEVA, 2000). De acordo com Esteva (ibidem, p. 61), desenvolvimento é uma metáfora com grande respaldo no pensamento moderno, que influencia as ideias e conseqüentemente o comportamento dos indivíduos, é associado também a crescimento, evolução e maturação. Nesse sentido, constatamos que o discurso de modernização da agricultura utilizou-se dessa retórica para instaurar seus paradigmas. A

⁵ Para fins deste artigo, boa parte das análises observam características macroscópicas da agricultura brasileira. Pretendo retomar a questão da modernização agrícola em futuros escritos.

justificativa para exigir esses novos padrões de produção e manejo, fora o preterido progresso, fixado, inclusive, em nossa bandeira nacional.

Por conseguinte, tal busca incessante e frenética, presente em todos os setores da economia da sociedade capitalista, deflagra uma situação preocupante. Shiva (2000) alerta para o massacre da natureza, essa última fora limitada a recursos naturais exploráveis. Eis a visão do homem ocidental – imbuído dessa lógica modernizadora – e toda a sua crueldade:

Desde a revolução industrial e científica, a tecnologia e a economia vêm reforçando aquela premissa comum a ambas de que, para a criação da abundância, é necessário romper os limites da natureza. A agricultura fornece um exemplo ilustrativo, porém, de como essa ruptura de limites tem como consequência um colapso dos sistemas ecológicos e sociais. Durante séculos as sociedades agrícolas se preocuparam em manter os limites da natureza para assim garantir a renovação da vegetação e da fertilidade do solo. Na visão do homem ocidental moderno, no entanto, os processos naturais de renovação das plantas e da fertilidade do solo são apenas um obstáculo, um impedimento que deve ser removido. Os fertilizantes produzidos industrialmente e as variedades de sementes fabricadas pela ciência foram considerados substitutos superiores à fertilidade e às sementes da própria natureza. No entanto, o que essas invenções fizeram foi transformar a fertilidade do solo e a vegetação, que antes eram renováveis, em um recurso não renovável. O solo e as sementes foram utilizados como matéria-prima e insumos na Revolução Verde e na agroindústria. A consequência desse processo foi o aparecimento de desertos com solos alagados ou salinizados e de culturas infestadas de pragas e doenças (SHIVA, 2000, p. 309).

Em consonância com as reflexões da autora supracitada, constatamos que a modernização agrícola imposta no Rio Grande do Sul desde as décadas de 1960 e 1970 fora deveras impactante para a agricultura familiar (especialmente para a dita pequena produção, que sempre enfrentou dilemas referentes ao escoamento de seus produtos), que primava pela diversidade de culturas e cuja lógica de reprodução respeitava a natureza. O modelo de modernização difundido promoveu a inserção de maquinário, fertilizantes, sementes manipuladas, expansão desenfreada de áreas agricultáveis em detrimento da conservação ambiental e ainda o plantio de *commodities* para a exportação. Ou seja, modificou brutalmente as zonas rurais. Sob o discurso de promover a soberania alimentar, a *Revolução Verde* fora fortemente incentivada pela sociedade civil, que estava embevecida pelo ideal de progresso:

Mas o progresso é mais do que apenas uma viagem ou um ideal. É um destino moderno. Para o homem moderno, e para os que querem partilhar a sua identidade, é inimaginável rejeitar a fé no progresso. O homem moder-

no é definido pelo progresso. A sua auto-estima tem nele as suas raízes e é a sua mais profunda justificação para a crueldade que mostra para com seus semelhantes e com a natureza (SBERT, 2000, p. 288).

Assim, o esquema fora ardiloso, ao passo que o campo tecnificava-se, a indústria se fortalecia com o giro de capital financeiro e ainda recebia mão de obra barata, uma vez que essa modernização causou elevados índices de êxodo rural.

Os impactos para a o meio ambiente também foram colossais. Grosso modo, essas mudanças poluíram os rios e o ar, diminuíram a fertilidade dos solos, extinguíram matas ciliares, criaram pragas ultrarresistentes e, ironicamente, prejudicaram o próprio homem (vítima e criador). Uma modernização, no mínimo, questionável.

3. Um olhar antropológico sobre a feira de alimentos

O presente tópico caracteriza-se enquanto cerne do artigo. A partir de uma pesquisa empírica, iniciada exatamente aos dez dias do mês de agosto do ano de 2011, com a primeira inserção em campo, trabalhei sob as diretrizes de um projeto de pesquisa denominado IDENTIDADES EM FOCO: ETNOGRAFIAS NA (E DA) REGIÃO CENTRAL DO RIO GRANDE DO SUL⁶ e subprojeto: Mulher camponesa: de produtora a distribuidora e consumidora⁷. Nesse sentido, reflito a feira enquanto espaço de resistência e sociabilidade dos pequenos produtores(as). Ao longo dessa pesquisa, registro vários diários de campo, muitas fotografias, entrevistas e questionários.

A feira etnografada ocorre semanalmente no bairro Camobi da cidade de Santa Maria-RS-BRA, nas quartas e sábados pela manhã. É composta por cerca de oito barracas na quarta-feira e quinze barracas no sábado. Caracteriza-se por comportar trocas mercantis informais e envolver diretamente produtores e consumidores. Quanto ao seu espaço físico, mantém barracas, bancas, produtos de diversos gêneros. Especificamente caracteriza-se a feira como sendo um conjunto de barracas, de coloração variada, com produtos à mesa e dentro de caixas, ao ar livre. São comercializadas

⁶ Idealizado e coordenado pela professora e antropóloga Dr^a Maria Catarina Chitolina Zanini.

⁷ O referido recorte de gênero será abordado no meu Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais, a ser defendido, a princípio, em julho de 2014 na Universidade Federal de Santa Maria. Ainda, tal trabalho abordará as minúcias do fazer etnográfico. Portanto muitos detalhes não serão explorados no presente artigo e sim no meu Trabalho de Conclusão de Graduação.

verduras, legumes, frutas, carnes e outros produtos de origem animal, também são negociados artigos de artesanato e flores.

Em conformidade com Bezerra (2009), entendo que “as feiras livres são importantes espaços de socialização e manifestação cultural. Apresentam diferentes funções na vida das sociedades contemporâneas, como a oferta de produtos e serviços, por exemplo” (p. 153).

As pessoas que trabalham na feira estudada são camponeses (as) de Santa Maria e localidades próximas. A relação entre os feirantes e consumidores é harmônica e baseada em laços de amizade (laços que se configuraram com o tempo, com consumidores recorrentes, onde há o tratamento por nome). A feira engloba várias manifestações culturais, como por exemplo expressões em italiano, faladas tanto por consumidores como por alguns feirantes. Nesse sentido, percebemos a feira enquanto um evento que mantém a lógica camponesa de contato pessoal:

O mundo moderno tem nos trazido um modelo de comércio baseado nas grandes redes de supermercados que conservam os mesmos modos de atendimento. Em oposição e conservando as mesmas características há centenas de anos, as feiras têm substituído a tecnologia dos caixas dos modernos supermercados pela simplicidade e o contato direto entre feirantes e compradores, o calor humano, as amizades que nascem do convívio semanal, entre uma barraca e outra (RIBEIRO, 2009, p. 3).



Figura 1: Espaço da Feira de Camobi



Figura 2: Espaço interno de uma das bancas

A feira de alimentos tem se revelado um espaço que nutre a permanência dos trabalhadores (as) rurais no campo, donos do seu meio de produção e podendo ser agentes das trocas comerciais de seus produtos, vendo neles o valor de sua força de trabalho. Nesse espaço, observo que, além da comercialização de alimentos, há também uma troca de elementos simbólicos, gostos, memórias e uma série de identificações (como as étnicas, por exemplo). A feira proporciona sociabilidades e formação de uma relação afetiva entre feirantes e consumidores, pois ali se constitui outra forma de comércio, distinta das redes de mercado. Percebe-se, ainda, que a mulher camponesa tem adquirido, nesses espaços, uma maior independência e autonomia por meio de sua atividade como feirante, uma vez que essa se torna geradora de renda. Tais recursos têm sido utilizados na educação dos filhos, em saúde e na melhoria das condições de trabalho nas propriedades. Destaca-se, dessa forma, o quanto é positivo o agricultor(a) poder comercializar sua produção sem atravessadores. Nesse sentido, o lucro advindo das negociações na feira contribui significativamente para uma vida digna no campo.

4. Resistências no campo e a conjuntura contemporânea da agricultura gaúcha

Atualmente, o campo continua recebendo investidas de modernização. As famílias que resistiram/resistem à época da chamada Revolução Verde ancoraram-se no trabalho familiar e na produção da maioria dos gêneros alimentícios para si. Vale ressaltar que cada localidade possui suas especificidades de cultivo, tal qual as diferenças regionais. Para fins elucidativos, farei uma generalização.

A estrutura agrária continua a mesma de outrora, a divisão entre pequena e grande propriedade é latente. A modernização, nesse caso, diminuiu o número de pequenos proprietários em prol dos latifúndios. A figura do colono (o imigrante que adquiriu um lote de terra no projeto de colonização da década de 70 do século XIX) mantém-se, porém, estigmatizada, com as gerações subsequentes dos imigrantes⁸.

Na microrregião de Santa Rosa, situada no noroeste do Rio Grande do Sul, encontramos uma das maiores bacias leiteiras do país. A grande maioria desses produtores possui apenas pequenas extensões de terra, mas, infelizmente, está subordinada a grandes indústrias, como a *Brasil Foods*, por exemplo. Nesse caso, vemos um campesinato reconfigurado e à mercê dos grandes empresários. Temos ainda o sistema integrado à indústria, relacionado à criação de aves e suínos. Nesse, o agricultor(a) entra com mão de obra e estrutura enquanto a indústria entra com rações, remédios e estabelecendo a renda do primeiro. Há ainda os hortifrutigranjeiros.

Dessa forma, verificamos que as famílias outrora resilientes às investidas modernizadoras hoje caminham para a especialização em determinado produto e perdem a valiosa autonomia de produção, com algumas exceções, obviamente.

Para além da análise das transformações, é necessário problematizar acerca das condições de vida dos indivíduos que permanecem ali. Muitos pesquisadores sugerem o fim do meio rural, mas o que se observa é a modificação desse. Esse espaço está conservando apenas um público envelheci-

⁸ A constituição étnica do povo gaúcho não será aprofundada neste artigo, embora seja merecedora de atenção especial.

do e masculino. Sob o espectro da herança, entendemos por que as mulheres migram mais, elas foram historicamente excluídas desse processo (CARNEIRO, 2001). Os jovens, em sua grande maioria, também estão migrando para as cidades, uma vez que o trabalho no campo é árduo e não concede férias, seguros, renda fixa, estabilidade financeira.

Não se trata de explanar um panorama pessimista mas de problematizar sobre esse sistema que aparenta sugar as potencialidades dos pequenos agricultores, historicamente abandonados pelo poder público, apesar de sua importância. Há, felizmente, casos vitoriosos de resistência, tal qual a feira acima referenciada. Mas não é o suficiente. Estudos revelam que a decadência do meio rural, nos tempos atuais, refere-se a uma geração que envelhece sem herdeiros (os filhos migraram para os centros urbanos). Sabe-se que os próprios pais incentivam os filhos a buscar profissões citadinas. Estamos falando, também, de uma educação institucionalizada, que não direciona os jovens para a permanência no campo e de serviços públicos sucateados nessas áreas.

Considerações finais

Por meio desta sucinta reflexão acerca das transformações ocorridas no meio rural a partir da modernização da agricultura, verifica-se que este espaço requer um estudo mais aprofundado.

A modernização da agricultura impactou diretamente na configuração do indivíduo rural e sua forma de agir nessa nova perspectiva de ação. O meio rural passou a caracterizar-se pelo contínuo aumento de produção. Propriedades reduzidas espacialmente e/ou economicamente tendem a seguir menos ativamente as exigências do mercado produtivo. Consequências observadas são amplamente generalizadas, tais como o êxodo rural.

A tecnificação do campo é um paradoxo, ao mesmo tempo que diminui a penosidade do trabalho, ela exclui do cenário quem não consegue acompanhar essa modernização. O Estado coloca crédito à disposição dos agricultores, mas isso está longe de ser a solução, uma vez que esse recurso torna os trabalhadores eternamente endividados e a renda continua diminuta. Precisa-se de projetos que articulem o bem-estar desses sujeitos; esses estão fadigados de servir ao grande capital. Nesse sentido, assim como o

exemplo da feira supracitada, o Estado precisa propor alternativas de permanência no espaço rural, as políticas públicas devem voltar-se no sentido de atender essa demanda, de manter no campo quem deseja ficar, investir em saúde, educação, lazer e qualidade de vida para esses sujeitos. Estigmatizados até pelo poder público, até quando se suporta a opressão e a renda negativada?

Conclui-se que o processo de modernização beneficiou a indústria e os grandes senhores de terra. A reforma agrária é uma das poucas soluções para modificar esse quadro, mas essa nunca acontecerá enquanto a bancada ruralista tiver força no Congresso. A *Revolução Verde* fora um jogo político e continua sendo assim: a pobreza da maioria garante a riqueza da minoria.

Referências

- ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. *As Feiras como Espaços Públicos de Sociabilidade, Representação e Desenvolvimento para as Urbes Ibéricas e Americanas*. Actas do XII Colóquio Ibérico de Geografia, 6 a 9 de Outubro 2010. Porto: Faculdade de Letras (Universidade do Porto).
- BEZERRA, Flávio Barros. Sociabilidade, cultura e biodiversidade na Beira de Abaetetuba no Pará. *Ciências Sociais Unisinos*, Vol. 45, n. 2, maio-agosto, 2009, p. 152-161. Universidade do Vale do Rio dos Sinos-Brasil.
- CARNEIRO, Maria José. Herança e gênero entre agricultores familiares. *Estudos Feministas*, vol. 9, n. 1, 2001.
- ESTEVA, Gustavo. Desenvolvimento. In: SACHS, Wolfgang (Ed.). *Dicionário do desenvolvimento: guia para o conhecimento como poder*. Trad. Vera Lúcia M. Joscellyne, Susana de Gyalokay e Jaime A. Clasen. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 59-83.
- GRAZIANO DA SILVA, José. *O que é questão agrária*. São Paulo: Brasiliense, 1987 (Coleção Primeiros Passos). p. 20-67.
- GUIMARÃES, Roberli Ribeiro; MESQUITA, Helena Angélica de. *FEIRA CAMPONESA: INSTRUMENTO DE LUTA E RESISTÊNCIA DAS MULHERES CAMPONESAS EM CATALÃO – GO*. XIX ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, São Paulo, 2009, p. 1-15.
- MARTINE, George; GARCIA, Ronaldo C. *Impactos sociais da modernização da agrícola*. Cap. 4: Êxodo rural, concentração urbana e fronteira agrícola. São Paulo: Ed. Caetés, 1987. p. 59-78.

MENASCHE, Renata; SCHMITZ, Leila Claudete. Agricultores de origem alemã, trabalho e vida: saberes e práticas em mudança em uma comunidade rural gaúcha. In: MENASCHE, Renata (Org.). *A agricultura família à mesa: saberes e práticas da alimentação no Vale do Taquari*. Porto Alegre, RS: UFRGS Editora, 2007. p. 78- 99.

MINNAERT, Ana Cláudia de S. Teles. A feira livre sob um olhar etnográfico. In: FREITAS, Maria do Carmo Soares de; FONTES, Gardênia Abreu Vieira; OLIVEIRA, Nilce de (Orgs.). *Escritas e narrativas sobre alimentação e cultura*. Salvador: EDUFBA, 2008. 422 p. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>. p. 129-148.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz; ARAÚJO, Marcos Antônio Alves de. TERRITORIALIDADES E SOCIABILIDADES NA FEIRA LIVRE DA CIDADE DE CAICÓ (RN). *Caminhos de Geografia*. Revista on line <http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html>.

MOURA, Margarida Maria. *Camponeses*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1988.

PICCIN, Marcos Botton. *Os Senhores da Terra e da Guerra no Rio Grande do Sul: um estudo sobre as práticas de reprodução social do patronato rural estancieiro*. Campinas, SP. Tese de doutorado; UNICAMP, 2012.

SBERT, José Maria. In: SACHS, Wolfgang (E.). *Dicionário do desenvolvimento: guia para o conhecimento como poder*. Trad. Vera Lúcia M. Joscelyne, Susana de Gyalokay e Jaime A. Clasen. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 284-299.

SHIVA, Vandana. Recursos Naturais. In: SACHS, Wolfgang (Ed.). *Dicionário do desenvolvimento: guia para o conhecimento como poder*. Trad. Vera Lúcia M. Joscelyne, Susana de Gyalokay e Jaime A. Clasen. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 300-316.

SILVA, Iraneide Souza; RAMOS DE CASTRO, Edna Maria. Interações rural-urbano: a sociobiodiversidade e o trabalho em portos, feiras e mercados de Belém, Pará. *Novos Cadernos NAEA*. v. 16, n. 1, Suplemento, p. 109-126, jun. 2013.

VEDANA, Viviane. Sonoridades da Duração: Práticas cotidianas de mercado no mundo urbano contemporâneo. Uma introdução à construção de coleções etnográficas de imagens. *Revista Chilena de Antropología Visual*, número 11, Santiago, junio 2008, 1/19p.

WANDERLEY, Maria N. B. *O mundo rural como espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2009.

WOORTMANN, Klaas; WOORTMANN, Ellen F. *Monoparentalidade e chefia feminino: conceitos, contextos e circunstâncias*. Apresentado no Pré-Evento Mulheres

Chefes de Família: crescimento, diversidade e políticas, realizado em 4 de novembro de 2002, Ouro Preto-MG pela CNPD, FNUAP e ABEP.

Entre imagens: dinâmicas entre o rural e urbano no “Feirão Colonial” e na “Feirinha do Caridade” em Santa Maria/RS¹

Jamile dos Santos P. Costa²

Silvana Silva de Oliveira³

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo apontar algumas questões relacionadas à dinâmica entre o rural e urbano, partindo de material fotográfico coletado por meio da pesquisa etnográfica no Feirão Colonial e na feira popularmente conhecida como “Feirinha do Caridade” na cidade de Santa Maria, RS. Na pesquisa, a imagem é utilizada não só como recurso ilustrativo, mas também como forma de conhecer narrativas visuais e a materialidade no espaço das feiras, visto que as fotografias guardam memórias e expressam estilos de vida (SAMAIN, 1994, 1995; GODOLPHIM, 1995). Ambas as feiras ocorrem no meio urbano, sendo que grande parte dos feirantes vem de áreas rurais dessa cidade, o que faz com que acreditemos em uma flexibilidade material e simbólica entre campo e cidade (CARNEIRO, 1998; 2008; WANDERLEY, 2000; MENASCHE, 2004), ou seja, a feira é um espaço de sociabilidade no qual o rural e urbano se encontram e dinamizam.

A inserção em campo ocorreu no início de 2013, e, no decorrer da pesquisa, o uso da fotografia passou a ser um instrumento importante para

¹ Uma versão anterior deste trabalho foi apresentada no “IV Encontro Internacional de Ciências Sociais (EIC) – GT 01: O rural contemporâneo a partir das práticas do trabalho e da produção, da alimentação e do consumo”.

² Bacharel em Ciências Sociais (UFSM).

³ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (UFSM).

o estudo das relações estabelecidas em dia de feira. Ao longo da pesquisa etnográfica, buscamos apreender as estruturas de significado (GEERTZ, 1989), os imponderáveis da vida real (MALINOWSKI, 1984), aproximando-nos de uma compreensão “de perto de dentro” (MAGNANI, 2002), e as imagens ajudaram no entendimento das interpretações.

Cabe destacar que a pesquisa ainda está em andamento e faz parte do projeto intitulado “Na feira: produção, distribuição e consumo entre agricultoras feirantes na região central do Rio Grande do Sul”, coordenado pela Prof^a Dr^a Maria Catarina C. Zanini (UFSM), o qual visa estudar como as mulheres que trabalham nas feiras se relacionam com o mundo do trabalho camponês e as práticas de mercado.

Organizamos o artigo da seguinte maneira: primeiramente, adentraremos na “Feirinha do Caridade” por meio de imagens e alguns fragmentos do diário de campo; posteriormente, passaremos ao estudo do “Feirão Colonial”. Nesse momento, buscaremos suscitar questionamentos relacionados com o rural e o urbano por meio da imagem, pois nosso objetivo, neste estudo, é apresentar esses espaços das feiras através da escrita e das imagens, pois entendemos, assim como Godolphim (1995), que as imagens, além de um instrumento e de uma técnica de pesquisa, são uma forma de diálogo junto ao corpo do texto etnográfico, em que escrita e imagem se complementam, visto que as imagens também “falam” sobre a pesquisa. Além disso, o recurso da imagem é também uma forma de aproximação entre o nativo e o pesquisador, como observamos no estudo de Fonseca (1995), onde há uma troca a partir do momento em que o nativo (participante da pesquisa) vê sua vida e suas práticas retratadas ali. Assim buscaremos suscitar questionamentos relacionados com o rural e urbano entre os dois espaços da feira.

1. A “Feirinha do Caridade”

A “Feirinha do Caridade”, conhecida assim por estar localizada na Praça Roque Gonzales, que fica em frente ao Hospital de Caridade Dr. Astrogildo de Azevedo, acontece todas as sextas-feiras, pela manhã, contando com quatro bancas. No local, o cenário da feira mistura-se ao movimentado centro da cidade.

Os feirantes vêm de áreas rurais e ocupam esse espaço para comercializar seus produtos há mais de 25 anos. Esses feirantes nos contaram que, no início, havia mais umas três bancas, mas que, por motivos diversos, acabaram deixando o espaço.

1.1 A “Feirinha” e o centro de Santa Maria

A seguir, apresentamos algumas fotos que ilustram essa feira e o centro da cidade, sendo feitas algumas considerações sobre cada uma delas.



Foto 1: (29 de agosto de 2014)

Na foto 1, observamos, à esquerda, o início da Praça Roque Gonzáles e, à direita, o Hospital de Caridade Dr. Astrogildo de Azevedo, em meio ao movimento de carros que começam a circular por volta das 08h.



Foto 2: (29 de agosto de 2014)

Na foto 2, temos a visão da praça e, ao fundo, das primeiras bancas de feirantes.



Foto 3: (29 de agosto de 2014)

Na imagem 3, já observamos o espaço da feira com suas quatro bancas: duas à esquerda e duas à direita.



Foto 4: (29 de agosto de 2014)

Na foto 4, há a imagem do movimento de pessoas que buscam os produtos frescos e saudáveis da feira.

1.2 Entre cores e sabores: Etnografando na “Feirinha do Caridade”

A seguir, apresentamos mais algumas fotos da feirinha e apresentamos dados coletados no diário de campo.



Foto 5: (29 de agosto de 2014)

Alguns feirantes falaram, quase sempre é do mesmo jeito, há uma clientela fiel que frequenta a feirinha e não somente pessoas de mais idade, mas jovens também. Além de moradores da região, há também pessoas que trabalham no hospital, nas clínicas e laboratórios no entorno da feira que frequentam todas as sextas, buscando produtos de hortifrúti, bem como lanches, biscoitos, bolinhos, salgados entre outros (Diário de campo, dia 29 de agosto de 2014).



Foto 6: (29 de agosto de 2014)

A feirante dessa banca (foto 6) produz e embala seus produtos em pequenas quantidades. Explicou-nos o motivo por que faz dessa maneira, o qual foi registrado em nosso diário de campo e transcrito a seguir:

Antigamente as pessoas comiam mais, era aquela preocupação em levar grandes quantidades, hoje não. Antes fazíamos queijos grandes, as ambrosias eram naqueles vidros maiores de “Nescafé”, os bolos e rocamboles eram os maiores, hoje produzimos em porções menores, os bolos são vendidos em metades, assim como os queijos, e os doces em vidros pequenos, porque a dinâmica da vida das pessoas muda, elas preferem comer saladinha verde porque está pronta do que cozinhar a vagem, coisas mais práticas, além do que às vezes não são todas as pessoas da família que comem de tudo (Feirante. Diário de campo, dia 29 de agosto de 2014).



Foto 7: (29 de agosto de 2014)

Na foto 7, registramos a circularidade na feira.

A respeito da importância dessa pesquisa, uma feirante faz o seguinte comentário:

Acho importante que se pesquisem, por exemplo, as mudanças no público das feiras, porque antes havia pessoas que frequentavam que agora já morreram, havia turcos, senhoras e senhores do centro da cidade, que foram, literalmente, desaparecendo, aí que íamos descobrindo que haviam falecido, agora são poucos de tempos mais antigos que ainda vivem e frequentam (Feirante. Diário de campo do dia 29 de agosto de 2014).



Foto 8: (05 de setembro de 2014)

Na foto 8, registramos os produtos da feira e, a seguir, apresentamos o que uma feirante comentou sobre esses produtos:

A feirante me diz que as pessoas procuram os produtos deles porque sabe que são bons, novinhos, ela achou que não ia precisar fazer mais bolos essa semana, mas vai precisar porque vendeu tudo e que ela não gosta de fazer em grandes quantidades para não envelhecer (Diário de campo, 05 de setembro de 2014).



Fotos 9: (05 de setembro de 2014)

Na foto 9, há a representação das cores e dos sabores dos produtos coloniais, disponíveis em meio ao espaço da “Feirinha” no centro da cidade.

2. O “Feirão Colonial”



Foto 10: (14 de junho de 2014)

O “Feirão Colonial” localiza-se na rua Heitor Campos, no bairro Medianeira, próxima à Basílica da Medianeira, e ocorre todos os sábados, pela manhã, no Centro de Referência em Economia Solidária Dom Ivo Lorscheiter. Nesse há quatro pavilhões denominados, respectivamente

te, de Hortifrutigranjeiro e plantas ornamentais, Artesanato, Área de Alimentação e Agroindústria. Nesse espaço, os produtos plantados e elaborados no campo são vendidos aos cidadãos que procuram alimentos ligados à natureza, bem como frescos e saudáveis (MENASCHE, 2004; COLOMÉ, 2013).

Na cidade de Santa Maria-RS, foi construído no ano de 1992, com o formato atual, o terminal de comercialização no bairro Medianeira. Essa feira foi denominada pelos organizadores de “Feirão Colonial” e passou a ser conhecida igualmente como “Feira da Irmã Lourdes”, a coordenadora atual e também idealizadora do projeto. Devido ao vínculo que passou a ter com a economia solidária, a feira também ficou conhecida por “Feira da Economia Solidária”. A partir desse vínculo, recebe verbas federais, as quais ajudam a ampliar o local com a construção de mais prédios. Realizam-se, no espaço da feira, eventos anuais relacionados à economia solidária, como o Encontro Nacional da Economia Solidária, a Feira do Cooperativismo, entre outros.

Na cartilha⁴ de vinte anos do Feirão, é exposta a sua finalidade. Segundo esse documento (DILL; POSSEBON; SANTOS, 2012), o Feirão tem como objetivo a organização dos trabalhadores do campo e da cidade, buscando gerar trabalho e renda bem como desenvolver projetos de solidariedade.

2.1 Um itinerário pela feira

A seguir, apresentamos um itinerário dentro do espaço da feira por meio de imagens tiradas na ida à feira no dia 13 de setembro de 2014. Nesse dia, cabe ressaltar, aconteceu, na área de alimentação, a Feira da Primavera, a qual acontece anualmente nesse espaço do “Feirão Colonial”.

⁴ Denominamos de cartilha a publicação sobre os 20 anos do Feirão, organizada pela Irmã Lourdes (DILL, Lourdes; POSSEBON, Carmen; SANTOS, Etelvina (Orgs.). *Feirão Colonial: 20 anos*. Santa Maria: Editora Pallotti, 2012).



Fotos 11 e 12: (13 de setembro de 2014)

Nessas duas fotos, há a imagem da parte da frente dos pavilhões.



Fotos 13 e 14: (13 de setembro de 2014)

Nas fotos 13 e 14, há o registro da entrada do pavilhão denominado de “área de alimentação”.



Fotos 15 e 16: (13 de setembro de 2014)



Foto 17: (13 de setembro de 2014)



Fotos 18 e 19: (13 de setembro de 2014)

Essas duas fotos representam a banca da pescaria da Feira da Primavera.



Fotos 20 e 21: (13 de setembro de 2014)

Nas fotos 20 e 21, há a representação da missa que sempre ocorre na Feira da Primavera. Na primeira imagem, vemos um consumidor que fez as compras e depois se dirigiu à missa.

2.2. O espaço do hortifrutigranjeiro e os agricultores

Ao adentrarmos no pavilhão Hortifrutigranjeiro pela entrada secundária, vemos a circulação de consumidores, como também as cores, os sons e os cheiros que chamam a atenção. Na foto 22, percebemos o movimento e o espaço da feira no “Salão Hortifrutigranjeiro”.



Foto 22: (13 setembro de 2014)

A pesquisa de Colomé (2013), realizada em 2012 entre consumidores do feirão, destaca como era presente no imaginário desses consumidores o campo, o rural como sinônimo de natureza e alimentos saudáveis. Ao longo das idas à feira, percebemos a circulação desse discurso.

Freguesa: *'no supermercado a abobrinha estava horrível (...) falei pra eles que aquilo nem para os animais dava pra dá (...) tu me conhece, né, eu falei mesmo (...)'*.

Feirante: *'(...) e as farinhas que compro às vezes têm uns bichinhos no fundo'*. (Conversa presenciada entre feirante e freguesa, diário de campo dia 26 de abril de 2014).

Na feira, a grande parte dos feirantes vem do interior de Santa Maria ou de localidades próximas, a fim de comercializar produtos como alface, rúcula, tomate, pães, bolachas, e aproveita para fazer compras nos supermercados da cidade, entregar encomendas na casa de algum freguês ou realizar visitas a parentes. O encontro entre modos de vida é perceptível em algumas falas dos feirantes, ao constatar diferenças na maneira de perceber certas questões, como, por exemplo, a presença de terra na batata inglesa comercializada. A seguir, apresentamos esse fato vivenciado em um dia de feira.

Explicou-nos que uma era 'batata suja' e a outra 'batata lavada'. A batata lavada, logo depois que colhe, não pode pegar luz (e elas pareciam, para mim, ser menores). A batata suja dura mais. Segundo a Alice⁵, *tem uns fresquinhos [clientes] que não gostam de pôr mão na terra'*, e por isso tem as duas opções. Essas batatas sujas ou lavadas eram a batata inglesa, pelo que entendi (Diário de campo, 11 de janeiro de 2014).

⁵ Optamos por utilizar pseudônimos.



Foto 23: (11 de janeiro de 2014)

Na foto 23, à direita, vemos duas bacias cheias de batata inglesa na banca de Dona Alice, uma com as limpas e outra com as batatas sujas de terra.

As trocas de receitas entre consumidores e feirantes também revelam a circularidade de saberes entre ruralidades e urbanidades:

Feirante: *'tu pode fazer suco e salada... é um tipo de pepino'* (referência ao quino, conforme mostra a foto 24. Diário de campo, 25 de janeiro de 2014).



Foto 24: (25 de janeiro de 2014)

A foto 24 mostra a imagem do quino, o “tipo de pepino” que dá tanto para fazer salada como suco, segundo a explicação da feirante.

Chegou uma senhora na banca de Dona Lia, era consumidora, bem falante, que disse bem alto, mais ou menos assim: “*tu tens ‘agarra marido’*”. Levei um susto e observei. A dona Lia riu e também não parecia conhecer a bolacha por aquele nome: ‘*agarra marido*’. A consumidora já passou a receita para a feirante e já perguntou por outra feirante, de quem ela sempre comprava a bolacha (Diário de campo, 29 de março de 2014).



Foto 25: (29 de março de 2014)

A foto 25 representa os produtos comercializados na banca de Dona Lia, e, à direita, ao fundo da mesa, vemos um chimarrão.

Pergunto se posso tirar foto e ouço a seguinte resposta:

Feirante: *'não tem muito produto'*.

Eu: *'é que queria mostrar os recursos que vocês usam como o celular, o caderno de anotações...'*

O feirante coloca o seu celular ao lado do aparelho de sua esposa e diz: *'e essa aqui também é um recurso meu'*, mostrando sua esposa e rindo (Diário de campo, 30 de agosto de 2014).



Foto 26: (30 de agosto de 2014)

A foto 26 mostra o uso de celulares e cadernos de anotações utilizados pelo casal de feirantes para comercializar na feira bem como a brincadeira que o marido faz com a esposa, ao dizer que ela “também é um recurso” seu no trabalho.

Considerações finais

Neste artigo, por meio de fotografias capturadas na pesquisa etnográfica, realizada em duas feiras urbanas na cidade de Santa Maria, RS, demonstramos esses espaços como lugar de encontro entre o urbano e rural, onde várias narrativas circulam.

Quando apresentamos a “Feirinha do Caridade”, mostramos, em um primeiro momento, por meio das imagens, a localização da feira no centro da cidade e a movimentada circulação de pessoas e carros. Na sequência, juntamente com fragmentos de diários de campo, retratamos um dia de feira e as particularidades no consumo e na venda.

Já ao apresentarmos o “Feirão Colonial”, iniciamos um itinerário pela feira, demonstrando o espaço como local de várias sociabilidades e circularidade de múltiplas narrativas sobre o rural e o urbano. Em seguida, ressaltamos, por meio de falas dos agricultores (os feirantes) e imagens, que as fronteiras não são rígidas, mas sim ressignificadas.

Assim, diante das imagens e fragmentos de diários de campo, percebemos a permeabilidade material e simbólica entre campo e cidade, ou seja, as fronteiras são ressignificadas ao longo do tempo e espaço, permitindo novos sentidos e significados.

Referências

- CARNEIRO, Maria. Ruralidade: novas identidades em construção. *Estudos sociedade e agricultura*. Rio de Janeiro: CPDA-UFRRJ, n. 11, out. 1998.
- CARNEIRO, Maria. ‘Rural’ como categoria de pensamento. *Revista Ruris*. Campinas, v. 2, n. 1, p. 9-38, 2008.
- COLOMÉ, Felipe. *Gramáticas do consumo: eticidade e engajamento político no sul do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2013.
- DILL, Lourdes; POSSEBON, Carmen; SANTOS, Etelvina. *Feirão Colonial: 20 anos*. Santa Maria: Editora Pallotti, 2012.
- FONSECA, Cláudia. A noética do vídeo etnográfico. Horizontes antropológicos – Antropologia visual. *Revista temática semestral*, Porto Alegre, ano 1, n. 2, 1995.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.
- GODOLPHIM, Nuno. A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica. *Horizontes antropológicos*.

cos – Antropologia visual. Porto Alegre: Revista temática semestral, ano 1, n. 2, 1995.

MAGNANI, José G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, jun. 2002.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Os pensadores).

MENASCHE, Renata. Risco à Mesa: Alimentos Transgênicos, No Meu Prato Não? *Campos: Revista de Antropologia Social*. Curitiba, v. 5, n.1, p. 111-129, 2004.

SAMAIN, Etienne. Para Que A Antropologia Consiga Tornar-se Visual, com uma breve bibliografia seletiva. In: FAUSTO NETO, A. (Org.) *Brasil. Comunicação, Cultura e Política*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

SAMAIN, Etienne. “Ver” e “Dizer” na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia. *Horizontes Antropológicos*, UFRGS, n. 2, p. 19-48, 1995.

SAMAIN, Etienne; FELIZARDO, Adair. A fotografia como objeto e recurso de memória. *Discursos fotográficos*, Londrina, v. 3, n. 3, p. 205-220, 2007.

WANDERLEY, Maria de Nazareth. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o “rural” como espaço singular e ator coletivo. *Estudos Sociedade e Agricultura*, 2000.

O Feirão Colonial como importante alternativa a pequenos produtores rurais da Região Central do estado do Rio Grande do Sul¹

Daniele Palma Cielo²

Maria Catarina Chitolina Zanini³

Este trabalho se propõe a apresentar alguns resultados referentes ao projeto “Na Feira: Produção, Distribuição e Consumo entre Agricultores Feirantes na Região Central do Rio Grande do Sul”, desenvolvido sob orientação da Prof^a. Dr^a Maria Catarina Chitolina Zanini. O projeto citado tem como um dos objetivos identificar as formas com que os/as camponeses(as)⁴ que trabalham nas feiras da região central do estado se relacionam com o mundo do trabalho, com a terra e com as lógicas de mercado no qual estão inseridos.

A equipe do projeto está dividida em diversas feiras da cidade. Neste trabalho nos limitaremos a falar especificamente de uma das feiras das quais fazemos trabalho de campo: o Feirão Colonial. O Feirão está localizado em um bairro da região central da cidade de Santa Maria/RS, onde ocorre há mais de vinte anos. É uma iniciativa da Arquidiocese de Santa Maria, portanto ligado à Igreja Católica e que se mantém em parceria com o projeto esperança/cooesperança.⁵

¹ Uma versão anterior deste trabalho foi apresentada no “IV Encontro Internacional de Ciências Sociais (EIC).

² Graduada em Ciências Sociais (UFSM).

³ Professora associada na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Pós-Doutora (MN-UFRJ).

⁴ Compreendemos aqui, assim como Moura (1988), o camponês como aquele trabalhador rural que junto com a mão de obra familiar produz em pequenas extensões de terra. Porém esse conceito também pode ser analisado a partir de outros autores, como em Kautsky (1968), Wolf (1970), Mendras (1978), Santos (1978), Polanyi (2000), Woortmann (2002), Wanderley (2009), Seyferth (2011), entre outros.

⁵ O projeto Esperança é um dos Setores do Banco da Esperança da Arquidiocese de Santa Maria. A Cooesperança (Cooperativa Mista dos Pequenos Produtores Rurais e Urbanos) é vinculada e funciona como uma central ligada ao projeto Esperança, que ajuda a viabilizar a comercialização dos produtos

A estrutura física do Feirão contém quatro pavilhões, divididos por setores diferenciados no que se refere aos produtos oferecidos em cada local. O primeiro pavilhão⁶ oferece produtos das agroindústrias familiares, panificações, vinhos, queijos, embutidos, doces, bolachas e açougue. O segundo pavilhão, denominado como o de convivência e lazer, oferece bancas com pastéis, cafés, sucos, salgados, doces, sorvetes, pão-de-queijo e por vezes artesanato indígena. Nesse espaço também ocorrem as comemorações, inaugurações, apresentações, além de ser um local que as crianças, principalmente filhos(as) de feirantes, costumam utilizar para brincar. O terceiro pavilhão é dividido em duas partes: uma delas é destinada à realização de reuniões do projeto, a outra é destinada ao setor do artesanato, além de ter um espaço especial para massagens e orientações para qualidade de vida, denominado espaço saúde. Já o quarto e último pavilhão é destinado às plantas ornamentais e aos hortifrutigranjeiros.



Figura 1: Vista panorâmica da entrada da feira (Foto de: 26/04/2014). Arquivo do projeto

Nosso foco de pesquisa sempre foram os produtores rurais da região. Obviamente aqueles que não são e que participam da feira, como os feirantes do pavilhão do artesanato ou mesmo do pavilhão de convivência e la-

⁶ Aqui trabalhamos com a ordem de construção. O Feirão foi criado em 1989 com a construção de um único prédio; de lá até os dias de hoje mais três pavilhões foram construídos e ampliados.

zer, também recebem a devida atenção, afinal fazem parte do contexto da feira e dessa forma também são agentes no campo (BOURDIEU, 2004). Os feirantes, produtores rurais, que participam do feirão residem no entorno de Santa Maria, em seus distritos, e a grande maioria vem das cidades vizinhas, da conhecida Quarta Colônia de Imigração⁷. O Feirão Colonial, para muitos desses feirantes, apresenta-se como uma possibilidade de reprodução de sua condição camponesa, assim como no trabalho de Garcia (1984) as feiras do Brejo e do Agreste Paraibano apareciam. É a partir da exposição, venda e conseqüentemente do escoamento de suas produções que os camponeses ali presentes fazem da feira um espaço que possibilita sua continuidade enquanto camponeses. Nesse sentido, podemos concordar com Moura (1988) quando diz que os processos sociais que viabilizam a permanência do camponês tem sido mais fortes do que os que levam à extinção; assim o Feirão Colonial seria um facilitador nesse processo de permanência. E também concordamos com Wanderley (2003), que propõe que se considere a capacidade de resistência e de adaptação dos pequenos agricultores a novos contextos econômicos e sociais. Aqui é importante ressaltar a adaptação dos(as) agricultores(as) às lógicas de mercado no meio urbano, já que eles(as) nos sábados saem de suas propriedades e vão até o centro urbano para vender seus produtos. Wanderley (2003) também explora o fato de a modernização tornar o(a) agricultor(a) um(a) profissional multi-dimensional, uma vez que novas técnicas produtivas em alguns casos passam a ser incorporadas ou em outros quando a necessidade de planejamento estatístico se torna necessário. No caso do Feirão Colonial, encontramos diversos exemplos desses processos. Temos casos em que a modernização pode ser representada por uma ordenhadeira que é bem vista, aceita e utilizada pela agilidade na produção e também pelo menor esforço físico dos produtores(as). Agora também temos casos em que a utilização de maquinários maiores e mais caros são inviáveis pelo custo e, aliado a isso, o pouco uso que os(as) produtores(as) fariam devido ao tamanho de suas propriedades. Dessa forma, é importante ressaltar que a adaptação dos(as) camponeses(as) à modernização dos meios produtivos, quando se trata de

⁷ Compreende os municípios de Agudo, Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Ivorá, Nova Palma, Pinhal Grande, Restinga Seca, São João do Polêsine e Silveira Martins.

pequenos produtores, acontece até o momento em que é realmente útil na realidade de cada um. Assim as rupturas acontecem na medida em que são de fato vantajosas à produção e conseqüentemente à reprodução camponesa. Tornando assim a permanência na utilização de métodos tradicionais na produção, em alguns pontos, o caminho mais racional para continuidade.

Depois de Wanderley (2003) ressaltar as rupturas e continuidades entre agricultores(as) familiares e camponeses(as), podemos apontar as feiras de pequenos(as) produtores(as), portanto, o Feirão Colonial como uma alternativa para a permanência dos(as) mesmos(as) no meio rural.



Figura 2: Entrada do primeiro pavilhão (agroindústria). (Foto de: 10/05/2014). Arquivos do projeto

A feira é o local aonde esses(as) produtores(as) levam seus produtos, e não podemos esquecer que não são apenas trocas mercantis que acontecem nesse espaço. Do outro lado da banca⁸ há os(as) mais variados(as) ti-

⁸ Espaço onde os(as) feirantes expõem seu produtos. No Feirão Colonial, eles(as) dispõem de uma mesa, e quando essa não é suficiente para exposição dos produtos, os(as) feirantes fazem uso da área da frente dessa mesa, onde colocam suas caixas para exposição do restante das variedades.

pos de consumidores(as) dispostos(as) a essas trocas. Portanto toda troca mercantil no ambiente da feira é também uma relação social (GARCIA, 1984). Essas relações sociais podem ser de diversos tipos; elas podem ser de simples troca mercantil, como já havíamos comentado, podem ser também troca de variados tipos de objetos que os frequentadores da feira levam até esse espaço por motivos também variados, troca de informações através dos mais diferentes tipos de socialização⁹ que ocorrem na feira, trocas culturais, troca de informações, conhecimento entre outros.



Figura 3: Entrada segundo pavilhão (convivência e lazer). (Foto de: 13/09/2014). Arquivos do projeto

O espaço em que ocorre o Feirão Colonial pode ser considerado um espaço de muitas possibilidades. Nele acontece em todos os sábados a feira, mas no mesmo espaço estão inseridos diversos simbolismos que transcendem a comercialização.

⁹ Entendemos aqui socialização a partir do conceito de sociabilidade de Simmel (2006), que considera a sociabilidade uma forma lúdica de associação, que seria a forma lúdica do encontro, o que geraria a relação social.

Ora, os encontros proporcionados pelas feiras têm múltiplos sentidos, e mesmo os encontros em que está em jogo apenas uma troca mercantil não são homogêneos entre si. Sobretudo, não são únicos que aí ocorrem. Assim, as pessoas que vão às feiras não o fazem necessariamente para comprar e/ou vender, havendo outros objetivos possíveis (GARCIA, 1984, p. 78).

No decorrer de nosso trabalho de campo, tivemos oportunidade de presenciar diversos tipos de trocas. Entre feirantes, entre feirantes e consumidores, entre consumidores e feirantes, entre consumidores e consumidores e também entre todos esses e pessoas que estão ali por outros motivos, seja um(a) jornalista fazendo sua matéria, seja um(a) assessor(a) de algum(a) político(a) presente na feira, sejam pesquisadores(as) das mais diferentes áreas de conhecimento.

Essas trocas variam muito em sua natureza, como já falamos anteriormente, mas podemos exemplificar com a troca de receitas que muitas vezes ocorre na compra de determinados produtos. Fregueses(as) perguntam como é feito tal bolacha, e a feirante, além de contar a forma como faz, ainda resalta que o segredo é a quantidade de gemas¹⁰ que usa, explicando que há quem faça com menos gemas, mas que a qualidade não é a mesma. A troca de saberes, o saber fazer e a experiência com o feitio das receitas são elementos importantes na construção de imaginário em que o campônês é portador de um conhecimento específico, diferente daquele que encontramos no meio urbano, um saber que, na grande maioria das vezes, é passado de geração a geração.

O espaço da feira proporciona também a conversa entre os que ali frequentam, a troca de informações e por vezes conseqüentemente a constituição de novas amizades. Entre os(as) feirantes também ocorre a troca de produtos, além da parceria entre as bancas. Em alguns momentos, acontece de um(a) feirante precisar se ausentar por algum tempo e o(a) do lado acaba “assumindo” a banca do “vizinho(a)”. Ou em outros casos quando, por exemplo, um casal de feirantes que semanalmente está na feira resolve fazer uma viagem e o mesmo repassa parte de sua produção para outro(a) feirante levar até a feira. Demonstam dessa forma as relações de confiança¹¹ que o ambiente e o convívio da feira proporcionam com o passar do tempo.

¹⁰ Parte do conteúdo interno de um ovo de galinha, que é dividido entre gema e clara.

¹¹ Entendemos confiança aqui como uma das classificações de Giddens (1991) em que a confiabilidade é estabelecida por indivíduos que se conhecem bem e que, a partir de um relacionamento de longo prazo, substanciaram as credenciais que tornam um fidedigno aos olhos do outro.

O espaço de convivência e lazer (segundo pavilhão) é o local onde temos mais espaço livre, por consequência onde as crianças, normalmente filhas de feirantes, costumam brincar. Elas trazem brinquedos, fazem lanche ou simplesmente usam o espaço por ter maior área livre. As crianças constituem um importante elemento a ser analisado no contexto da feira. Algumas delas ficam nas bancas o tempo todo, vendem, organizam, aprendem o “ofício do negócio”, da prática mercantil. Dessa forma, assim como em Garcia (1984)

O aprendizado do negócio se faz na vivência do próprio negócio. O elemento principal para aprender a negociar é estar na feira, quer comprando, quer negociando, passeando, olhando, prestando determinados serviços. Quanto mais tempo um indivíduo passa na feira vivenciando diferentes situações, melhores condições terá para maximizar a utilização dos fundos de que dispõe e se aproveita da rede de relações sociais à qual pode ter acesso (GARCIA, 1984, p. 173).

o aprendizado desse ofício é possibilitado a algumas crianças que desde cedo acompanham os pais no dia a dia da feira. Outras aproveitam para brincar, socializar e também aprender com os mais velhos, como foi o caso de uma experiência que tivemos no dia 22 de março de 2014. Estávamos no terceiro pavilhão (portanto o destinado ao artesanato) e visualizamos um senhor junto com três crianças, filhas de feirantes, com um tabuleiro de xadrez montado em cima de uma caixa de madeira, provavelmente empréstimo de algum feirante. Ali eles permaneceram por algum tempo jogando. É importante entender a feira como um ambiente de múltiplas socializações e também de múltiplos aprendizados.



Figura 4: Visão do interior do terceiro pavilhão (artesanato). (Foto de: 25/10/2014). Arquivos do projeto

O Feirão Colonial é um espaço dinâmico em que, com alguma frequência, feirantes novos se somam ao grupo. Ao longo de mais de um ano de trabalho de campo nessa feira, podemos perceber uma variação nas formas de vender de alguns novos feirantes. Não raro acontece de feirantes novos terem um comportamento um pouco diferenciado em relação aos demais. São, por vezes, mais expansivos, interpelando os clientes, oferecendo provas dos produtos que expõem. De uma forma geral, esse comportamento é incomum, diferente da feira apresentada no trabalho de Vedana (2004). O Feirão Colonial mostra-se mais introspectivo, no sentido de que o feirante não costuma abordar nem “encenar”, tampouco gritar para chamar clientes a partir dos seus preços e promoções.

Além de ser um espaço dinâmico, o Feirão Colonial também é um espaço sujeito a diversos agentes (BOURDIEU, 2004), inclusive externos a seu funcionamento, como, por exemplo, a campanha política que em seu auge adentra os limites da feira. Seja através das conversas ocasionadas pelos encontros que ali ocorrem, seja pela presença dos(as) candidatos(as),

pelo incômodo gerado a alguns frequentadores pela presença dos mesmos, pelos materiais e santinhos¹² disponíveis e expostos em uma mesa na feira ou então por possíveis discussões em função desse(a) ou daquele(a) candidato(a).



Figura 5: Visão do interior do quarto pavilhão (plantas ornamentais e aos hortifrutigranjeiros). (Foto de: 06/09/2014)

Dessa forma, o Feirão Colonial pode ser visto como um palco de diferentes disputas e diferentes agências. Podemos encontrar nele a presença do Estado, tanto na perspectiva de governo quanto na de Estado, a presença da Igreja, a presença da Sociedade Civil nas mais diversas formas, a presença de ideologias¹³, a presença da Universidade em alguns momentos, auxiliando na execução de projetos do Estado, entre outros agentes.

¹² Pequeno panfleto com propaganda política impressa.

¹³ Aqui nos referimos à defesa da produção e utilização de alimentos orgânicos, aos princípios do comércio justo ou então da economia solidária.

A linha em que Garcia (1984) argumenta sobre as condições institucionais existentes para que as feiras aconteçam no contexto das Feiras do Brejo e do Agreste Paraibano diz que

O interesse pelas feiras se situa no fato de que elas não necessariamente excluem os trabalhadores rurais, como tendem a fazê-lo a maioria das formas de distribuição, que exigem uma disponibilidade de fundos e de tempo, e uma visão de mercado (no sentido da demanda existente) que só pode ser adquirida pelos que se afastam de sua condição inicial de trabalhadores rurais (GARCIA, 1984, p. 183).

Nesse sentido, o Feirão Colonial também permite incluir o produtor rural na lógica de mercado, possibilitando o escoamento da produção, a reprodução camponesa, bem como a permanência desse produtor no meio rural, tornando o Feirão Colonial uma importante peça nessa dinâmica.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- GARCIA, Marie France. *Feira e trabalhadores rurais / as feiras do Brejo e do Agreste Paraibano*. Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional UFRJ. Rio de Janeiro, 1984.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- KAUTSKY, Karl. *A questão agrária*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1968.
- MENDRAS, Henri. *Sociedades Camponesas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MOURA, Maria Margarida. *Camponeses*. São Paulo: Ática, 1988.
- POLANYI, Karl. *A grande transformação: as origens da nossa época*. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.
- SANTOS, José Vicente Tavares. A gênese histórica do camponês. In: *Colonos do vinho*. São Paulo: Hucitec, 1978.
- SEYFERTH, Giralda. Campesinato e o Estado no Brasil. *MANA* 17(2): 395-417, 2011.
- SIMMEL, Georg. A Sociabilidade. In: *Questões fundamentais da Sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- VEDANA, Viviane. “Fazer a Feira”: estudo etnográfico das “artes de fazer” de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre. Dissertação de Mestrado, UFRGS, 2004.

WANDERLEY, Maria N. B. *O mundo rural como espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2009.

WOLF, Eric. *Sociedades Camponesas*. Rio de Janeiro: Zahar. 1970.

WOORTMANN, Klaas; WOORTMANN, Ellen F. *Monoparentalidade e chefia feminina: conceitos, contextos e circunstâncias*. Apresentado no Pré-Evento Mulheres Chefes de Família: crescimento, diversidade e políticas, realizado em 4 de novembro de 2002, Ouro Preto-MG, pela CNPD, FNUAP e ABEP.

